

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

Kristal Werner

**Quando a Voz Transgride o Silêncio:
Memórias, Cartas e Diálogos Sobre Composições**

Porto Alegre

2021

Kristal Werner

**Quando a Voz Transgride o Silêncio:
Memórias, Cartas e Diálogos Sobre Composições**

Projeto de Graduação em Música Popular apresentado
como requisito parcial para a obtenção de grau de
Bacharela em Música pelo Instituto de Artes da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Nogueira

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Werner, Kristal
Quando a Voz Transgride o Silêncio: Memórias,
Cartas e Diálogos Sobre Composições / Kristal Werner.
-- 2021.
64 f.
Orientadora: Isabel Porto Nogueira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Música: Música Popular, Porto
Alegre, BR-RS, 2021.

1. música popular. 2. processo composicional. 3.
produção musical. 4. escrita situada. 5. depressão. I.
Nogueira, Isabel Porto, orient. II. Título.

Agradeço a quem me deu vida.

Agradeço a todas as pessoas que fazem ou fizeram parte dela.

Agradeço à minha mãe e ao meu pai, que me deram a chance de vivê-la.

Resumo

Este trabalho relata o desenvolvimento e criação de um projeto artístico através de memórias, cartas que escrevi para mim e diálogos que ajudaram a me curar. Meus movimentos, desde a infância, e a narrativa sobre o desenvolvimento de uma doença que enfrentei por longos anos, a depressão, foram registrados em um EP, contemplado por 4 faixas. As faixas contam, em ordem cronológica, a minha trajetória dentro do corpo de uma mulher branca de classe alta, que habita este planeta, é regido por um sistema social e ocupa um espaço. A narrativa é apresentada através da escrita situada, conceito trabalhado na obra das escritoras feministas bell hooks e Glória Anzaldúa. O projeto contou com a participação de músicas convidadas e foi escrito em linguagem neutra.

Palavras-chave: Música Popular. Escrita situada. Processo composicional. Produção Musical. Música autoral. Memórias. Depressão.

Abstract

This work reports the development and creation of an artistic project through memories, letters that I wrote for myself and dialogues that helped me to heal. My movements, since childhood, and the narrative about the development of a disease that I faced for many years, depression, were recorded in an EP, covered by 4 tracks. The tracks tell, in chronological order, my trajectory inside the body of a white upper-class woman, who inhabits this planet, is governed by a social system and occupies a space. The narrative is presented through situated writing, a concept worked on by the feminist writers bell hooks and Glória Anzaldúa. It counts on the participation of invited musicians and was written in neutral language.

Keywords: Popular Music. Situated writing. Composition process. Musical Production. Copywrite music. Memoirs. Depression.

“A arte é *(Clarissa Pinkola Estés)*
importante porque ela celebra as estações
da alma, ou algum acontecimento trágico ou
especial na trajetória da alma. A arte não
é só para o indivíduo; não é só um
marco da compreensão do
próprio indivíduo. Ela
é também um mapa
para aqueles que
virão de-
pois de
nós.”

Sumário

Introdução	9
1. Referencial Teórico	16
1.1 Feminismo e Ser Mulher	20
2. Memórias, Cartas e Diálogos	25
FAIXA 1. VENTANIA	26
FAIXA 2. RESSACA	28
FAIXA 3. AZUL	29
FAIXA 4. AURORA	30
3. Composições: Apegos, Afetos e Processos	31
3.1 Participações	35
3.1.1 Apegos	35
3.1.2. Afetos	40
3.2 Processos	41
VENTANIA	45
RESSACA	49
AZUL	52
AURORA	56
4. Epílogo	60
5. Referências	64

Introdução

Eu nasci em São Luiz Gonzaga, um dos Sete Povos das Missões, no noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Fui adotada entre os 10 e 20 dias de vida e soube da adoção bem cedo, num diálogo aberto e afetuoso. Minha mãe conta que o desejo dela era ser mãe, não importava como. Por isso, não teve paciência para levar até o fim o tratamento que fazia para engravidar. Nos ensinou que nunca deveríamos julgar nossas mães biológicas, porque não sabemos as reais motivações que levam uma pessoa a tomar essa decisão. Ela e meu pai adotaram meu irmão, que nasceu no dia 8 de março de 1993, em Lajeado (RS), quando ele tinha aproximadamente 10 meses. Poucos meses depois, me adotaram e me trouxeram para Porto Alegre. Nasci no dia 4 de março de 1994. Por recordações gravadas em vídeo e na memória, eu posso afirmar que a voz - interna, falada ou cantada - é a ferramenta que mais faz sentido na expressão da minha existência. Minha mãe e minha avó paterna falam muito. Muito! Acho que herdei delas o gosto pelas palavras. Conversar ou apenas falar, sozinha ou com alguém, para fora ou por dentro, criar laços ou amizades passageiras é o que me fez sentir a vida, desde cedo, me sentir viva. Eu amava fazer as pessoas rirem, principalmente o meu irmão. Ficava horas falando besteira e ele ria muito. Eu mentia muito também. Eram tantas palavras na minha cabeça que eu precisava expulsá-las de alguma forma, então, eu inventava histórias.

Aos 3 anos de idade, eu comecei a engordar. Não aos meus olhos. Aos meus olhos eu era apenas eu. Eu não entendia o que significava ser gorda, mas, para minha mãe e minha pediatra, era muito importante que eu emagrecesse. Para mim, não fazia diferença, além da culpa que eu sentia. Mesmo indo à nutricionista, eu segui engordando até que o meu corpo tornou-se público. Durante as férias de verão, a nossa família se reunia toda na mesma casa, em Salinas (RS). No resto do ano, nos feriados ou finais de semana, as reuniões familiares aconteciam no sítio que tínhamos em Águas Claras (RS). Em ambas as ocasiões, tudo o que eu comia ou deixava de comer era controlado por alguém, inclusive pelas outras crianças. Eu não podia comer as mesmas coisas que elas comiam, não antes de pedir a permissão da minha mãe. Muitas vezes ela não deixava, outras, deixava com alguma restrição. Em algum momento, ainda muito nova, eu comecei a comer escondida. Ao final de 2001, eu fui submetida a uma dieta mais rígida do que as anteriores. Emagreci mais de 10 quilos. Eu conseguia sentir a felicidade da minha mãe, o orgulho que ela

sentia cada vez que eu emagrecia um pouco mais. A felicidade dela me deixava feliz, o orgulho dela me deixava orgulhosa, eu me sentia aceita. No ano seguinte, quando as aulas voltaram, colegas, mães, professoras... ninguém acreditava que era eu quando me viam. Quando se davam conta, a primeira reação era de espanto, em seguida, “elogiavam” o meu emagrecimento. A partir daquele momento, colegas que não falavam comigo passaram a falar, consegui fazer amizades e eu senti certa mudança no tratamento das professoras. Tudo começou a fazer sentido. Eu finalmente entendi o que era ser gorda, porque eu passei a ser tratada como uma pessoa magra. Então, prometi que nunca mais voltaria a ser como era antes.

Em setembro de 2003, o colégio em que eu estudava fechou e tive que mudar para outro. A escola nova não era tão rígida quanto a anterior. Quando comparados, os conteúdos estavam atrasados, mas as crianças, pelo menos as da minha turma, eram muito adiantadas em outro âmbito: suas vivências. Já se falava em “ficar”, quando eu não sabia o que isso significava. Falavam “palavrão”, o que me deixava muito assustada. Se encontravam no shopping, aos finais de semana, sem as mães ou pais presentes, que apenas levavam e buscavam. Quando cheguei na turma, os meninos me acharam bonita. Todos queriam me conhecer e “ficar” comigo. Foi nesse momento, quando entrei em contato com crianças que não me conheceram antes, que me tornei mulher. Antes de me tornar mulher, fui gorda. Nessa escola, terminei o ensino médio, dei o meu primeiro beijo, fui tachada de puta e de santa.

Entre o 7 e os 11 anos de idade eu estudei teatro, fiz aulas de violão, GRD¹, Dança de Rua e joguei futsal. Ao se aposentar, minha mãe tornou-se artista plástica. Aprendi muito com ela, principalmente a pintar. Mesmo assim, com o corpo e mente em constante movimento, a depressão já dava pequenos sinais desde os meus 8 anos. Com isso, alguns traumas bastaram e contribuíram para que, aos poucos, eu fosse perdendo a habilidade de me expressar. Mesmo quando mais velha, as cobranças alheias em relação ao meu corpo não cessaram, inclusive, me tornei aliada. Durante a infância, eu desenvolvi compulsão alimentar. Eu comia escondida todas as noites. Eu me chamava e era constantemente chamada de gorda. Eu me odiava. Desenvolvi distorção de imagem e, em 2006, com a estreia da novela “Páginas da Vida”, na Rede Globo, conheci a bulimia. Eu falava sozinha cada vez mais, em voz alta ou em pensamento, até que a minha voz deixou de caber na minha cabeça e eu comecei a escrever. Eu escrevia sobre qualquer coisa. Escrevia poemas, histórias em quadrinho, músicas. Eu escrevia porque me ajudava a não

¹ Ginástica Rítmica Desportiva.

pensar tanto. Apesar de tudo isso, apesar dessas memórias que ainda me visitam, e de muitas outras que eu não consigo compartilhar, eu tive uma infância feliz. Me divertia muito com toda a família. As férias eram o momento mais divertido do ano, e eu também amava quando as aulas voltavam. A maioria dos acontecimentos, felizes ou tristes, se assemelham de alguma forma às histórias das meninas - cis, brancas, de classe média e, assim como eu, criadas na capital do Rio Grande do Sul - que eu conheço. Entretanto, com o tempo, além do desenvolvimento da bulimia, a depressão avançava sem piedade, e cada uma dessas histórias começava a me atormentar como um grande pesadelo. Sem perceber, fui me perdendo. Fui me silenciando aos poucos e, ao final do processo, pouco antes de iniciar tratamento psiquiátrico e psicológico, eu já não sentia prazer em viver. Lembro de brigar, mentalmente, com a minha mãe e pai biológicos, por não terem evitado a gravidez ou meu nascimento. Quando a depressão começou a se agravar, eu desejava entrar em coma por um longo período, sofrer algum acidente. Quando estávamos no carro, eu rezava para que meu pai batesse e só eu me machucasse, passasse um tempo em coma e depois voltasse, como se estivesse recomeçando. Quando já estava em um estado mais crítico, eu parei de escrever e, com o passar do tempo, eu comecei a desejar a morte. Todos os dias, antes de dormir, eu pedia a Deus que me matasse, pois eu não tinha coragem e a dor era muito grande. Eu ameaçava me matar em algumas brigas, até que um dia, com 19 anos, eu não tive mais medo e tentei.

O processo de desenvolvimento da doença foi bastante gradual. Os primeiros sinais começaram a surgir quando eu tinha, aproximadamente, 8 anos. Esses sinais podem ou não ter uma relação direta com os momentos de silenciamento, eu não posso afirmar com certeza, visto que, no meu caso, a depressão é de origem genética, mas a genética não é determinante no desenvolvimento da doença. Não foi fácil compreender que eu estava doente. Não foi fácil conviver e viver 11 anos com depressão, sendo os últimos 5 anos muito intensos, e não saber. A depressão não é como as outras doenças, que, quando fatais, atingem nossas vísceras, nossos órgãos e nos matam aos poucos ou de uma vez. A depressão invade a nossa cabeça e não nos mata, mas vende muito bem a ideia da morte. Ela nos tortura até que a morte se confunda com a liberdade. E quem não quer ser livre? Ela é covarde, porque não te mata, mas te convence. Num país onde não recebemos educação psicológica, a terapia não é vista com bons olhos. Cheguei a pedir ajuda neste sentido e meu pai e minha mãe acharam que era besteira, mas, depois desse episódio suicida, a minha terapia passou a ser tratada como fundamental. A partir de então, a

minha relação com a família, principalmente com a minha mãe, mudou drasticamente. Ela mudou, toda a família mudou. Ninguém mais controlava a minha alimentação ou com quem eu me relacionava. As coisas mudaram da noite para o dia e, desde então, a nossa relação é muito mais tranquila e saudável. Eu não culpo alguém por essas situações. Quando eu aprendi que não deveria julgar a minha mãe biológica, eu levei esse aprendizado para todos os outros aspectos da minha vida. Eu tenho plena consciência de que a minha família agiu como acreditava ser correto para o meu desenvolvimento e criação. Minha mãe e meu pai fizeram, e ainda fazem, o melhor que podem e eu sou muito grata.

Há alguns anos, descobri que a música atravessou o meu caminho muito antes do que a minha memória me permite recordar. Meu pai e minha mãe gravaram em fita VHS boa parte da minha infância e do meu irmão. Praticamente todos os finais de semana ou viagens estão gravados e estampados nas prateleiras do apartamento da minha mãe. Por esses vídeos, me descobri cantando já com 2 anos. Lembrei que minha mãe e meu pai sempre cantavam para nós e nos estimulavam a cantar. Certa vez, minha mãe, meu pai, meu irmão e eu gravamos um CD. Lembro que foi em Pinhal (RS), em algum estabelecimento comercial, e que eu tinha entre 4 e 5 anos, mas apenas isso. Às vezes minha mãe me mostra a gravação e fala “Olha como tu já tinha voz! Tu sempre cantou muito bem.”. Todas as festas de família eram celebradas com *karaokê*, até mesmo na hora de cantar os parabéns. Toda a família cantava. Bem ou mal, mas cantava. Meu tio, irmão da minha mãe, é músico. Ele acabou incentivando os meninos da família, incluindo meu irmão, a tocarem violão e guitarra. Por admiração ao meu irmão, comecei a fazer aulas de violão com 7 anos. Eu não gostava muito. Lembro de uma aula em que eu cantei e o professor me olhou surpreso, logo me aconselhando a fazer aulas de canto, porque, segundo ele, eu cantava muito bem. Depois disso, eu segui cantando em festas da família e no chuveiro. Aos 11 anos, aproximadamente, comecei a escrever letras de músicas, muitas vezes para fugir de algum desconforto, mas muitas outras quando estava animada também. Nessa época, a depressão começou a se manifestar através da pele, com o desenvolvimento de uma doença chamada psoríase. Eu não lembro de todas as letras ou melodias que compus, mas lembro que compus. Eu não sabia que estava compondo e o que aquilo significava, mas fazia porque aliviava muita coisa. A primeira música que escrevi sabendo que estava compondo foi aos 13 anos, para a minha melhor amiga na época. Nunca cantei ou mostrei para ela, com vergonha, mas mostrei para outras amigas, que relembram a ocasião até hoje. Esse foi um dos poucos momentos em que quebrei a

barreira do silêncio e consegui expor o que eu fazia para outras pessoas. Cantar era tão importante para mim, eu sentia tão forte que aquela era minha língua nativa e sonhava tanto em chegar a lugares inesperados com a minha voz, que eu tinha medo de expor e descobrir que eu não sabia cantar, que eu estava enganada. Essa era a única coisa que eu fazia exclusivamente para mim, por mim. Escrever e cantar são partes de quem eu sou. Quando eu descobria uma música nova, não parava de cantá-la até que eu conseguisse cantar todas as notas exatamente como na canção original. Havia noites que minha mãe entrava no meu quarto e pedia para eu parar de cantar ou que fizesse mais baixo, pois já era tarde e eu cantava alto como se eu estivesse isolada do mundo. É como eu me sinto até hoje quando eu canto, no meu infinito particular. Muitos desses momentos eram uma saída para quando eu não me sentia bem. Até que um dia, quando um colega levou o violão para a escola, eu resolvi quebrar essa barreira e cantei. Ninguém sabia ou lembrava que eu cantava. Minhas amigas me olharam assustadas e se atiraram no chão de tanto rir. Um colega, que estava no corredor e não era meu amigo na época, entrou correndo na sala e falou “De quem é essa voz? Parece uma sereia!”. Ninguém sabia que o meu colega tocava também, mas como já é esperado que um menino saiba tocar algum instrumento, não foi estranho. Minhas melhores amigas fizeram bullying comigo por bastante tempo, o que me deixou bastante intimidada. A nossa relação era muito tóxica. Éramos, e somos ainda, como irmãs. Porém, estávamos sempre cutucando umas às outras, fazendo piadas de mau gosto. Por outro lado, outras pessoas me estimularam muito a continuar, como colegas que não eram tão próximas e familiares. Com o passar dos anos, a forma como nos relacionávamos mudou, elas começaram a me incentivar a cantar cada vez mais e hoje são minhas maiores fãs. Não lembro em que momento eu resolvi estudar o canto de forma mais aprofundada, mas esse momento chegou. Comecei a fazer aulas na mesma época em que ingressei no curso de Medicina Veterinária, em 2012, na UFRGS.

Desde sempre, tive uma relação de amor incondicional com os animais. Não podia ver um animal em situação de abandono, que chorava. De certa forma, faz sentido que eu me identificasse com eles. Minha mãe e meu pai tinham a missão de me distrair quando nos deparávamos com essa situação ou situação pior. Certa vez, uma carroça passou por nós e o cavalo estava muito magro. Foi o suficiente para que eu chorasse como se ele estivesse morto. Sonhava em ser médica veterinária e, quando me perguntavam o que eu seria quando crescesse, essa era a minha resposta. Ao mesmo tempo, sempre sonhei em ser artista. Lembro de me

imaginar tanto nas novelas como nos palcos, atuando e cantando. Eu me formei no ensino médio com 16 anos, em 2010. Isso significa que com 14 anos eu já era pressionada, principalmente pela escola, a tomar uma decisão a respeito do meu futuro profissional. Estudei em um colégio Marista, então, nesse período, a PUC-RS costumava mandar representantes com a finalidade de divulgar a Universidade, além de ofertar testes vocacionais, visitas guiadas ao campus etc. Ao mesmo tempo, a partir do primeiro ano do ensino médio, eram desenvolvidas diversas atividades preparatórias voltadas ao Enem e vestibulares, onde o maior foco era a UFRGS. Os famosos cursinhos preparatórios para o vestibular também mandavam representantes, que nos aguardavam na saída da escola com suas propagandas. Eu nunca havia pensado sobre o meu futuro profissional da mesma forma que comecei a pensar naquela época. Tudo parecia incerto. Eu não fazia ideia do que eu realmente queria me tornar. Depois de pensar em todas as possibilidades possíveis, conversei com meu pai, que me ajudou na tomada da decisão. Ele e minha mãe são advogades, funcionáries públiques, mas ele nunca tentou me puxar para esse lado, na verdade, me reconectou com um dos sonhos que eu explicitava desde a infância, me tornar médica veterinária. Fiz um ano de cursinho preparatório para o vestibular e, em 2012, entrava na UFRGS. Aproximadamente 1 ano depois de iniciar as aulas de canto e a faculdade, em 2013, comecei a estudar violão e piano, além disso, foi o ano em que fui chamada para a seletiva regional do The Voice Brasil pela primeira vez. Quanto mais o meu interesse e a minha paixão pelas aulas de música cresciam, mais eu me afastava da Universidade e mais a doença era agravada.

Agosto de 2013 foi quando tentei tirar minha vida. Imediatamente, comecei tratamento psiquiátrico e psicológico e, durante o processo de recuperação da depressão, em diversos momentos, questionei as escolhas que havia tomado durante a minha vida. A primeira delas foi a profissional. Logo de cara, quando saí do hospital e voltei às aulas, já estava me questionando a respeito do que eu realmente desejava para o meu futuro. Cursava Medicina Veterinária há pouco mais de um ano e meio e começava a entender que aquela não era a profissão certa para mim. Eu sabia o que eu queria fazer, mas foi necessário mais um ano e meio caminhando pela estrada errada até que se tornasse impossível permanecer naquela direção. A música é o caminho inevitável, do qual não consegui desviar. É como se ela tivesse me escolhido, como dizem por aí. Tendo mãe, pai, tia e irmão advogades, não foi óbvia a minha escolha desde o princípio. Eu percebia o sucesso profissional a partir da visão delus, acreditava que era sinônimo de sucesso

financeiro. Viajando por essa nova estrada, eu sinto que ele é sinônimo de felicidade. A música me salvou em todos os âmbitos da vida, me mostrou a direção, sussurrou internamente “Vem por aqui.”. Hoje, o meu trabalho é cantar, é ensinar, é compor, é produzir, é aprender. É ter o desejo de entregar uma mensagem para as pessoas, expondo o melhor e o pior de mim. É querer olhar para dentro de cada uma delas e encontrar palavras. É ter ambições e torná-las reais. Quando nós aprendemos a observar e a escutar as pessoas, além de entendê-las melhor, conseguimos desenvolver novas formas de fazer música, de comunicar. O exercício de observar a mim mesma, de forma gentil, não é tão fácil quanto o de observar outrem, mas é um pilar nesse processo. O meu trabalho é o lugar (não físico) onde eu estou todos os dias e onde eu quero permanecer.

Analisando a minha trajetória, ainda não encontrei uma explicação que justifique de forma satisfatória a minha escolha profissional. Pode parecer óbvio, mas, para mim, não é. Eu não acredito que seja possível comprovar que essa escolha não partiu de um ponto desconhecido e subjetivo. Não porque não exista uma explicação lógica, mas porque por trás de toda resposta ainda existem perguntas. Falo sobre o sentimento que resta, mesmo depois de já ter racionalizado tudo - e eu racionalizo meus sentimentos bem mais do que eu gostaria. O fato de eu ter sido adotada é, provavelmente, um marcador importante para a minha forma de enxergar a vida. Eu poderia ter sido adotada por outras pessoas, eu poderia não ter sido adotada, eu poderia não ter sido colocada para adoção, eu poderia ter sido abortada, eu poderia muitas coisas. Até o final desse processo, pode ser que eu mude de ideia. Como diz a frase, de Nietzsche, tatuada em meu corpo, “As convicções são prisões”. A cada momento, eu visito uma nova prisão. Mesmo que não seja uma convicção, nesse momento, sinto que estou presa em algum lugar entre o subjetivo e o lógico. De qualquer forma, é através da minha trajetória que pretendo justificar o que me trouxe ao resultado sonoro específico deste trabalho, que será apresentado em linguagem neutra².

² A neutralidade de gêneros em neolinguagem ou linguagem gênero-neutra, do ponto de vista linguístico e gramatical, é uma vertente recente das demandas por maior igualdade entre homens, mulheres e não-binários.

1. Referencial Teórico

Tem gente que diz ter aprendido tudo nos livros.
Eles são maravilhosos mesmo. Uma fonte de sabedoria.
Mas existe uma coisa maior, que nos permite inclusive escrevê-los.

(Elza Soares³, adaptado)

Falar sobre memórias não é tão simples como pode parecer e é mais significativo do que eu imaginava quando tomei essa decisão. Falar sobre memórias é falar sobre escolhas, sobre vivências, sobre uma perspectiva única de valorização da própria história. Em seu artigo intitulado “Escritas de Si, Parrésia e Feminismos”, Margareth Rago⁴, historiadora dedicada a temas como anarquismo, feminismo, sexualidade e gênero, afirma que: “Escrever-se é marcar sua própria temporalidade e afirmar sua diferença na atualidade”. Além disso, ela ressalta que :

Longe de relatos confessionais, essas narrativas de si não buscam uma revelação do que se oculta na consciência culpada, não visam a decifração de um eu supostamente alojado no coração, nem a auto-valorização heróica de si mesmas; antes, questionam a força e os modos da linguagem estabelecida social e culturalmente, linguagem que tem o masculino branco como referência e norma. Focalizo, então, esses relatos autobiográficos como “escritas de si”, na chave aberta por Foucault (1994), como aberturas para o outro, como espaços intersubjetivos em que se buscam a constituição de subjetividades éticas e a transformação social.

Quando abordo o tema da depressão e escrevo sobre ela, não tenho intenção alguma de enaltecer o sofrimento e muito menos tornar-me vítima ou heroína, mas, sim, de celebrar uma vitória, mostrar que ela é possível, sem esquecer o recorte social do qual faço parte. A doença esteve presente durante grande parte da minha trajetória e omiti-la seria negar uma das coisas

³ Cantora e compositora brasileira.

⁴ Margareth Rago é graduada em História e em Filosofia pela USP, fez seu mestrado e doutorado em História pela UNICAMP. Foi professora visitante do Connecticut College, nos Estados Unidos, entre 1995-1996 e lecionou na Universidade de Paris 7, em 2003. Foi diretora do Arquivo Edgar Leuenroth da UNICAMP em 2000.

que me moldou e me trouxe até o presente. Por esse motivo, escolhi a escrita situada como guia na elaboração do meu projeto. Em seu artigo intitulado “A música começa na pessoa”, Katharina Döring⁵ afirma que:

Para compreender os processos da autoformação, torna-se importante de recorrer às metodologias da pesquisa biográfica e narrativa, que trata da relação e tensão em permanente transformação entre o indivíduo e a sociedade, da exploração de possibilidades entre ações e decisões, que se dão em função das condições socialmente postas (contingência), e aquelas outras, que surgem a partir dos impulsos e das necessidades próprias, como novos caminhos e respostas, que não foram previstas pelo ambiente e entorno da pessoa (emergência). [DÖRING, 2016, p. 3-4]

Ainda é muito difícil diferenciar o que surgiu a partir dos meus impulsos e necessidades próprias, como cita Döring, e o que seriam as consequências da depressão. Até 2016, eu ainda tinha crises muito fortes de ansiedade, além de pensamentos suicidas, então, é recente a minha trajetória livre da manifestação da doença. Apesar disso, consigo pontuar ações externas, como a gordofobia na infância e a opressão sexual na adolescência, que, mesmo tendo contribuído para que eu me tornasse uma mulher mais empática, consciente comigo e com as outras mulheres a respeito dos padrões de beleza e de controle impostos sobre os nossos corpos, me geraram traumas. Demorou bastante tempo até que eu tomasse consciência desses processos. Por muitos anos, fui opressora dos corpos gordos e me enxergava como tal, de forma negativa. Por muitos anos, acreditei que deveria me esforçar ao máximo para que não me vissem como uma “mulher fácil”, além de estar sempre atenta à forma como eu falava, andava, me vestia e me maquiava ou pintava as unhas. De qualquer forma, nos últimos anos, venho buscando exercitar o olhar empático sobre quem eu fui e compreender o meu tempo.

⁵ Professora de arte-educação e etnomusicóloga. Possui graduação em Educação Musical e mestrado em Música (etnomusicologia) pela Universidade Federal da Bahia (2002) e é doutora em Educação com ênfase em Arte-Educação pela Universidade Siegen (Alemanha). Desde 2002, é professora assistente da Universidade do Estado da Bahia para as disciplinas Arte-Educação e Ludicidade.

As duas principais referências que venho estudando até esse ponto do processo, que trabalham com o conceito da escrita situada, são bell hooks e Glória Anzaldúa. Entrei em contato com a escrita delas na disciplina de Música e Gênero, ministrada pela Profa. Dra. Isabel Nogueira⁶. bell hooks é autora, professora, teórica feminista, artista e ativista social negra estadunidense. Graduada em literatura inglesa pela Universidade de Stanford, adquiriu o título de mestra pela Universidade de Wisconsin e doutora pela Universidade da Califórnia. Seus principais estudos são direcionados à discussão sobre raça, gênero e classe e às relações sociais opressivas, com ênfase em temas como arte, história, feminismo, educação e mídia de massas. É autora de mais de trinta livros, de vários gêneros, como crítica cultural, teoria, memórias, poesia e infantil⁷. Em seu livro, *Ensinando a Transgredir*, publicado pela primeira vez em 1994, no capítulo intitulado “De mãos dadas com minha irmã”, bell hooks narra sua pesquisa a respeito dos possíveis fatores de separação entre dois grupos raciais de mulheres, brancas e pretas. A escrita de hooks é feita a partir do olhar para suas memórias e raízes, além da pesquisa a respeito das memórias de suas irmãs de pele. Conta histórias de sua juventude, citando memórias dessas relações inter-raciais e da ausência delas também. Expõe que, como as mulheres brancas já eram inferiorizadas pelas normas sexistas, a única forma de manterem seus status era inferiorizando as mulheres pretas, para que essas não tomassem seus lugares em relação aos seus homens. Em uma sociedade que cresceu calcada nos processos de escravização, o que mantinha as brancas em posição de poder eram suas relações com os homens brancos. Mesmo que as relações entre mulheres pretas e os homens brancos acontecessem sem o consentimento delas, pois a maioria esmagadora era estuprada, para as mulheres brancas, elas representavam perigo. Desde que essas relações não fossem legalizadas, era tudo bem que elas ocorressem, mas era fundamental que as leis e tabus mantivessem as pretas numa posição inferior, que não pudesse ameaçar as relações de poder entre elas e as mulheres brancas.

A partir disso, bell hooks discorre sobre a realidade da pesquisa acadêmica atual, que parte das mulheres brancas e opera como mais uma forma de dominação da mulher preta, de seus conhecimentos, do que como uma forma de integração racial. Expõe que é comum que as mulheres brancas coloquem a “culpa” da segregação sobre as costas das mulheres pretas, em vez

⁶ Musicóloga, compositora-performer, pesquisadora. Doutora em Musicologia pela Universidade Autônoma de Madri, Espanha e Bacharel em Piano pela UFPel. Professora Titular do Departamento de Música do Instituto de Artes da UFRGS.

⁷ Site Editora Elefante - Quem é bell hooks?

de ouvi-las e compreender o que é dito para que, então, possam aceitar e assumir verdadeiramente a responsabilidade e dever com a causa. Essas situações são evidenciadas a partir de relatos sobre encontros e diálogos com feministas brancas. hooks também observa que, quando as mulheres brancas finalmente se renderam e se dispuseram a ouvi-las, elas já estavam se sentindo esgotadas e traídas, mas, ao final, comenta que se desistirmos tão facilmente umas das outras, isso talvez significará que teremos interiorizado que essa união jamais dará certo e de que o muro que nos divide jamais será derrubado; e que, se isso for verdade, somos cúmplices desse mal.

Já Glória Anzaldúa, professora, escritora, ativista queer⁸ e chicana⁹ lésbica, escreve uma carta em forma de diário, intitulada “Falando em Línguas”, direcionada às mulheres não brancas. Ela bate de frente com a escrita acadêmica, escreve através de memórias, fala direto com suas leitoras, numa linguagem fácil, intencionalmente sem os adornos desnecessários e dominantes da nossa cultura, adornos esses, que exercem a função de tornar menos acessíveis a informação e a educação, além de hegemonizar a cultura branca. Ela fala de forma explícita sobre o seu desconforto com a escrita. Assim como bell hooks, Anzaldúa chama atenção para o risco que as mulheres não brancas correm de se tornar apenas fornecedoras de conhecimento para as mulheres brancas, sem a chance de ocupar posições de poder e, nesse caso, corroborando com a ideia de que elas têm o papel apenas de servi-las. Glórias Anzaldúa incita essas mulheres a não se curvarem à linguagem academicista, racista e branca. Incentiva que elas, mulheres chicanas e não brancas, escrevam, contem suas histórias, mas em suas línguas, para que não corroborem com o embranquecimento das suas histórias, de suas culturas, constantemente violentadas e assassinadas pela cultura branca.

A carta de Anzaldúa me faz recordar de uma aula que tive durante o penúltimo semestre do curso de Música Popular, em 2020, na disciplina que leva o nome de “Encontro de Saberes”. As aulas dessa disciplina são ministradas por diversas mestras e mestres, e essa em especial foi ministrada pelo mestre José Falero, escritor preto, vindo da periferia de Porto Alegre, autor do livro “Vila Sapo”. Ele trouxe reflexões a respeito da linguagem e, através de sua trajetória, vivências e histórias, me fez enxergá-la de uma forma que eu jamais havia compreendido.

⁸ Queer é uma palavra proveniente do inglês usada para designar pessoas que, seja por sexo biológico, orientação sexual, orientação romântica, identidade de gênero ou expressão de gênero, não correspondem a um padrão cis-heteronormativo.

⁹ Termo empregado para designar norte-americanes de origem mexicana.

Comentou sobre a linguagem acadêmica branca e sobre o porquê de muitas pessoas não brancas deixarem o ambiente acadêmico mesmo depois de terem lutado muito para conquistar esse espaço. Nos alertou sobre as perigosas intenções por trás das normas, trazendo o conceito de “projeto de hegemonia cultural” pela primeira vez aos meus ouvidos - projeto este que tem objetivo de dizimar toda e qualquer cultura que não seja a branca. Por esse motivo, tomo todo o cuidado ao citar pessoas não brancas neste trabalho. Pretendo compactuar com suas narrativas, me aproximando de suas linguagens e me afastando da linguagem acadêmica, mas sem antes evidenciar de onde surge esse método de escrita. Reconhecendo meu lugar de fala, busco me aproximar de seus processos, fazendo das minhas memórias, histórias e afetos os meus principais objetos de pesquisa, me inspirando em pessoas pretas e não brancas, mas deixando evidente o meu ponto de partida, como mulher cis, branca e de classe alta. Escrevo cartas para mim mesma, revisito memórias que me marcaram ao longo da minha trajetória e escrevo, também, sobre meus afetos.

1.1. Feminismo e Ser Mulher

Toda dominação pessoal, psicológica, social e institucionalizada nesta terra
pode ser rastreada até sua fonte: as identidades fálicas dos homens.

(**Andrea Dworkin¹⁰**)

Ser mulher é parte de mim há muito tempo. Durante todos esses anos, lutei muitas vezes contra as repressões que sofri, mesmo sem saber o que essa luta representa ou até mesmo que estava lutando. Incontáveis foram as vezes que tive medo de lutar, me calei, mergulhei em um buraco tão profundo dentro de mim, que por pouco não me perdi. Quando eu tinha aproximadamente 13 anos, chamaram minha mãe na escola onde eu estudava para dizer que eu era uma aluna muito questionadora. Fui repreendida e passei semanas sem entender, então, qual seria a minha função enquanto estudante. Para que, afinal, eu acordava cedo todos os dias e dispunha do meu tempo para aprender, se eu não poderia questionar? Não entendi, desisti de encontrar uma resposta e, então, esqueci. Recentemente, eu lembrei. Durante todos os anos de

¹⁰ Foi uma feminista estadunidense e escritora conhecida por sua crítica à pornografia, onde ela argumentava a conexão desta ao estupro e outras formas de violência contra mulheres.

formação escolar, raras foram as vezes em que referenciaram uma mulher como exemplo, seja de liderança, inteligência ou qualquer outra qualificação que aqui caiba. Lembro sobre as mulheres citadas na Literatura. Lembro de Capitu. Lembro que eu sonhava em ser comparada a ela, em ter seus olhos de ressaca, porque eu aprendi que as únicas qualidades que uma mulher poderia ter estavam relacionadas ao que dava prazer ao homem. Lembro que os professores mais rígidos eram tratados com respeito, já as professoras mais rígidas eram taxadas, gratuitamente, de mal-amadas. Por todas as memórias ditas e não ditas, penso que as meninas, as não gordas, de certa forma, tornam-se mulheres aos olhos de outrem antes mesmo de terem a oportunidade de se tornarem crianças. Penso assim, pois não sinto que há uma escolha. Nos tornamos mulheres porque somos criadas como tal desde o princípio. Esse pensamento dialoga com a emblemática frase de Simone de Beauvoir, que afirma:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.
[BEAUVOIR, 1967, p. 9]

Dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, desde 2017, ano em que ingressei no curso de Música Popular, me dou conta de que, assim como na escola, recebo poucas informações referentes às mulheres e não sou incentivada por todos os professores, apenas por uma pequena parcela das professoras mulheres, a buscar por compositoras, instrumentistas, produtoras mulheres, ou por mulheres que exerçam qualquer outra função que espera-se ser exercida por um homem. Mesmo com a emergência dos debates sobre o feminismo, tanto nos grupos feministas quanto na mídia, as mulheres continuam sendo apagadas da nossa história no espaço acadêmico. Por que se fala tão pouco sobre as mulheres? Por que, mesmo quando se fala em música popular do século XXI, as referências continuam sendo majoritariamente masculinas? Questiono conscientemente, pois tenho a sorte de ter dividido o caminho com mulheres incríveis, ao longo do meu tempo, que me possibilitaram enxergar os acontecimentos cotidianos com um olhar político. O movimento “Marcha das Vadias”, que surgiu a partir de um protesto realizado no dia 3 de abril de 2011 em Toronto, no Canadá, e então se internacionalizou, chegando ao Brasil em

junho de 2011, em São Paulo, foi bastante importante no meu processo de compreensão a respeito do feminismo. Foi a partir dele que eu e minhas amigas começamos a debater sobre o empoderamento dos nossos corpos. Além desse movimento, Bruna Costa Fraga, uma das minhas amigas-irmãs, quando ingressou no curso de História, em 2012, na FAPA, entrou em contato com a escrita de Simone de Beauvoir, Alexandra Kollontai, Lola Aronovich e trouxe ao nosso grupo de amigas do colégio o embasamento teórico que não tínhamos durante a adolescência para compreender nossas angústias. A partir de suas contribuições, consegui argumentar e me defender em diversas situações posteriores que me ocasionaram desconforto, e que, antes, eu não conseguia confrontar, principalmente por não saber justificá-lo. Certa vez, ainda no ensino médio, eu e a Bruna realizamos um trabalho de história propondo um partido composto por e voltado para as mulheres, sem muita ideia do porquê, sentimos que era algo coerente e que fazia sentido para nós, mas não soubemos expressar muito bem nossos objetivos. Seguindo a história, desde que Isabel Nogueira, minha orientadora neste trabalho e muitas vezes na vida, apareceu no meu caminho, ela evoca, renova e provoca essas discussões e reflexões constantemente. A cada encontro, uma porta se abre enquanto outras ficam entreabertas. Nem todas falas e contextos que ela apresenta são digeríveis à primeira vista. A maioria leva um tempo, assim como a vida.

Sabendo que as maiores fontes de produção de pesquisa no Brasil estão dentro das universidades, penso que a elaboração desse trabalho pode contribuir positivamente para a comunidade científica e sociedade em geral. Penso que é necessária a construção de novas fontes, que referenciem mulheres como exemplos de força, liderança e inteligência (seja ela qual for). Quanto mais mulheres puderem se identificar e se enxergar nas referências fornecidas por professorias, mais referências surgirão. Mais do que a identificação com a trajetória, pretendo que se identifiquem, principalmente, com a escrita. Não para que escrevam da mesma forma, com as mesmas palavras ou fluxos, mas justamente para que, independente de tudo isso, escrevam. Trago o trabalho de Margareth Rago para apontar a importância das narrativas pelo ponto de vista das mulheres. Rago afirma que:

Aos poucos, surgem novas reflexões sobre a subversão desse gênero literário tomado no feminino, já que as mulheres, ao narrar, borram as fronteiras entre público e privado, ficção e realidade, intimidade e política, o eu e o mundo, especialistas que são na arte da transgressão e do

questionamento dos mecanismos de sujeição. Com os feminismos, as mulheres passam a desconstruir as narrativas que controlavam as suas vidas e buscam produzir novas cartografias existenciais. [RAGO, 2011, p. 252]

Escrevo para as meninas e mulheres que ainda são afetadas pelos padrões de beleza deterministas. Escrevo para os homens que ainda reforçam esse padrão. Escrevo para que mais mulheres tenham a chance de se reconhecer e serem reconhecidas, se identificar e serem identificadas como fonte de produção de conhecimento, força e liderança. Escrevo para todas as pessoas, que assim como eu, enfrentaram ou enfrentam a depressão. Todas nós somos força, exemplo, inspiração, referência. Borro as fronteiras entre o diálogo e o confronto, entre o objetivo e o abstrato, entre o desespero e a esperança. Conto histórias e questiono as que não nos incluem. Na disciplina de Música e Gênero, a partir da escrita de Margareth Rago, Isabel Nogueira nos convida a refletir a respeito da “neutralidade” das escolhas feitas por professorias ao referenciar majoritariamente homens brancos em sala de aula. Em seu trabalho, Rago reafirma os principais pontos da crítica feminista em relação ao caráter particularista do estudo científico:

Não é demais reafirmar que os principais pontos da crítica feminista à ciência incidem na denúncia de seu caráter particularista, ideológico, racista e sexista: o saber ocidental opera no interior da lógica da identidade, valendo-se de categorias reflexivas, incapazes de pensar a diferença. Em outras palavras, atacam as feministas, os conceitos com que trabalham as Ciências Humanas são identitários e, portanto, excludentes. Pensa-se a partir de um conceito universal de homem, que remete ao branco-heterossexualcivilizado-do-Primeiro-Mundo, deixando-se de lado todos aqueles que escapam deste modelo de referência. Da mesma forma, as práticas masculinas são mais valorizadas e hierarquizadas em relação às femininas, o mundo privado sendo considerado de menor importância frente à esfera pública, no imaginário ocidental. Portanto, as noções de objetividade e de neutralidade que garantiam a veracidade do conhecimento caem por terra, no mesmo movimento em que se denuncia o

quanto os padrões de normatividade científica são impregnados por valores masculinos, raramente filóginos. [RAGO, 1998, p. 4-5]

Os professores, em sua maioria, agem com descaso quando demonstramos que não nos sentimos representadas pelas referências discutidas em sala de aula - sendo elas majoritariamente contempladas por homens brancos heterossexuais. Quando mulheres são sugeridas para estudo em sala de aula, são comuns as negativas acompanhadas de justificativas, como falta de relevância no campo, falta de conexão com o contexto e, a pior de todas, falta de tempo. Dizem que o tempo é relativo. Consigo sentir os diferentes tempos na pele. Quando criança, minhas férias de verão duravam um ano, e o ano letivo durava outro. Na medida em que fui crescendo, fui automatizando determinados movimentos e, hoje, um mês de férias dura uma semana. Venho tentando recuperar o olhar que eu tinha naquela época para cada uma dessas movimentações, para que novas possam surgir. Felizmente, quando se trata de música, três dias de imersão podem durar dois meses. Mergulhar em um ponto desconhecido na imensidão de um oceano musical que me rodeia pode influir positivamente na vida e me brindar com o tempo. É como eu me sinto quando busco e encontro novas referências para o meu trabalho. Quando encontro, em outra mulher, o que enxergo em mim ou quando descubro nela uma nova cor que combina com as minhas pinturas sonoras. Em contrapartida, no tempo de muitas pessoas, o que construímos com o nosso tempo não tem valor. O que construímos, ao mesmo tempo em que tentamos consertar os rastros de estigmas deixados pelos homens brancos, não é digno de tempo. Não dá tempo de falar sobre nós, mulheres, musicistas, compositoras, instrumentistas, produtoras. Ainda bem que no nosso tempo, sobra tempo. Sobra tempo de não aguentar mais as mesmas desculpas, a falta de interesse em solucionar nossos questionamentos, a falta de interesse em renovar seus movimentos. Afinal, quanto tempo tem o tempo? Por isso, por meio desse trabalho, disponho do meu tempo para registrar os meus movimentos musicais, as minhas produções, as minhas composições. Disponho do meu tempo, depois de tanto tempo, para mim, por nós, mulheres.

2. Memórias, Cartas e Diálogos

Relembrar o passado,
especialmente quando traumático,
traduzi-lo em palavras para o outro,
é uma maneira de processar a experiência,
viver o luto, redimensionar o acontecimento,
atribuindo-lhe novos sentidos,
organizando aquilo que parece confuso,
caótico e que insiste em ser lembrado.

(Margareth Rago)

Aqui, abro um espaço pra escrever sobre a essência de cada uma das músicas, antes de falar sobre os processos de composição e produção de cada uma delas mais diretamente. Respeitando a ordem cronológica da história contada em AURORA, começo por VENTANIA. Para essa composição, eu escrevi memórias que eu guardo da infância, porque a música fala justamente sobre isso, sobre as minhas vivências e experiências quando criança e um pouco sobre as possíveis causas da expressão da depressão. Em seguida vem RESSACA. Eu conversei com o passado. Como a canção fala sobre o momento em que eu desisti da vida por alguns minutos, eu resolvi escrever uma carta para aquela Kristal, no intuito de fazer as pazes com ela e dizer que está tudo bem. Já para AZUL, por ser uma música que relata o meu processo de terapia, eu escrevi alguns diálogos que eu tive com a minha terapeuta e que foram fundamentais para a minha cura. Por fim, para AURORA, que leva o nome do EP, eu escrevi uma carta para o futuro, porque, assim como ela é uma música que coloca um ponto final na minha história com a depressão, ela aborda a minha relação com a ansiedade, que é presente e que eu não posso ignorar. Eu comecei escrevendo essa carta como se fosse eu e depois percebi que quem estava falando era a minha ansiedade, então, deixei que ela falasse por mim.

FAIXA 1. VENTANIA

Três memórias da infância.

1999, meu primeiro dia de aula no colégio João XXIII. Lembro de estar esperando no corredor, com a minha mãe, para ser apresentada ao restante da turma. Até que, antes que eu entrasse na aula, um menino veio ao corredor me dizer que um colega gostava de mim. Lembro de ter ficado feliz e ter sentido um pouco de orgulho. Quando entrei na sala, percebi que, na verdade, ninguém gostava daquele colega e que era uma brincadeira de mau gosto. Percebi que ele estava muito chateado e que não gostava de mim. Mais do que isso, percebi que gostar de mim era sinônimo de piada. Aquele foi um dos piores anos escolares, se não o pior, da minha vida. Eu não fiz amizade alguma, ninguém permitiu a minha aproximação, pelo contrário, eu era totalmente excluída. Na van que me conduzia para ir e voltar do colégio, eu me sentia um pouco mais acolhida, até que um dia, quando estava sendo deixada em casa, percebi que a minha saída foi motivo de festa para as crianças que permaneceram. Mesmo com a van se afastando, quase chegando à esquina, dava para ouvir os gritos de comemoração. Eu lembro de ter ficado muito triste, de não entender o que estava acontecendo e me questionar. Afinal, o que eu fazia para que as pessoas não gostassem de mim? Outro dia, no recreio, estava sozinha na sala de aula quando uma colega entrou e começou a me xingar. Ela estava acompanhada de outra colega, que ria e concordava. A minha reação foi revidar, mas eu xinguei tanto ela, que ela começou a chorar e eu me senti culpada. Não sei se foi a partir daquele momento, mas em algum momento, em vez de revidar, eu escolhi me calar. No último dia de aula daquele mesmo ano, a professora contou às outras crianças que eu mudaria de colégio e alguns colegas comemoraram. Ela os repreendeu e incentivou que me pedissem desculpas. O menino que eu gostava se desculpou e falou que estava brincando. Eu respondi que sabia que não era brincadeira. E eu sabia mesmo.

1997, eu tinha 3 anos e já insistia bastante para que minha mãe e meu pai me dessem um cachorro. Eu não lembro de onde surgiu essa minha obsessão por animais, mas eu era obcecada. Quando cruzava com um animal, qualquer animal, o meu mundo parava e eu não tinha mais olhos para outra coisa. Até que um dia meu pai chegou em casa com uma caixa de papelão e nos chamou, sorrindo. Eu não esperava que fosse um cachorro, mas eu vi o rabinho para fora da caixa

e surtei. Quando vi, eram dois! Um para mim e outro para meu irmão. Meu irmão não gostava tanto quanto eu, mas ele também ficou muito feliz, então, foi um momento de alegria compartilhada em família. De alguma forma, essa lembrança ainda me conforta muito. Lembrar desse dia é lembrar de um dia em que eu me senti muito amada, muito compreendida - porque, de fato, era muito importante para mim - e muito feliz. É uma das memórias mais antigas que guardo comigo. Foi um dos dias mais felizes da minha infância. Não lembro o que aconteceu com eles depois. Eram dois dachshunds pretinhos. Na manhã seguinte, quando eu peguei um deles no colo, ele cagou toda a minha camiseta, que era branca. Nem dei bola, só queria saber de abraçar e brincar. Depois disso, tive mais de trinta cachorros. Em 1998, nos mudamos para outra casa, que tinha um pátio muito grande, e teve uma época que duas das nossas cachorras deram cria ao mesmo tempo. Uma era da raça dachshund e a outra era uma dálmata, a Sasha e a Doth. A primeira teve seis filhotes e a segunda onze. Nessa época, minhas manhãs antes de ir para a escola se resumiam a deitar no chão do pátio e me divertir com todos aqueles filhotes pulando em mim e me lambendo.

2001, eu estava na segunda série e minha amiga da escola, Gabriela Zanin Tavares, foi me visitar onde eu morava. Assim como eu, ela amava cantar. Passamos o dia inteiro cantando no *karaokê* e foi ela quem me apresentou à música “Aquarela”, de Toquinho¹¹. Se eu não me engano, seu irmão mais novo insistiu para ficar, então, tivemos que dar atenção a ele também. Ele ficou fascinado com a casa de bonecas que eu tinha, pois era enorme, e insistiu para que brincássemos com ele. Eu sempre detestei brincar de boneca, mas, como ele e ela gostavam, eu não me importei, até achei divertido. De qualquer forma, não passou muito tempo e eu já estava insistindo para que a gente voltasse ao *karaokê*. Lembro que sua mãe, quando chegou, comentou: “Mas ainda tão cantando!?”. Em outra ocasião, ela voltou à minha casa para ensaiarmos para o show de talentos da escola. Íamos cantar alguma música da dupla Sandy & Júnior¹². Estávamos em dúvida entre duas, se não me engano, “As quatro estações” e “A lenda”. No dia do show de talentos, escrevemos nossos nomes na lista, mas ficamos com medo e vergonha. Foram umas 4 vezes indo e vindo, confirmando e cancelando, e, no fim, não cantamos. Me arrependi depois, mas já era

¹¹ Cantor, compositor e violonista brasileiro.

¹² Sandy & Junior foi uma dupla vocal brasileira formada pelos irmãos Sandy e Junior Lima. Sandy era a vocalista principal do duo, enquanto Junior era responsável pelos vocais de apoio, além de tocar instrumentos como guitarra, violão e bateria.

tarde. De qualquer forma, nosso ensaio foi muito divertido. No ano seguinte, em 2002, ela se mudou para o Rio de Janeiro. Fiquei muito triste, pois era minha única amiga na época. Ela foi a primeira menina com quem criei um vínculo e mantenho contato até hoje, mesmo que de tempos em tempos. Hoje, ela é nutricionista e casou-se com um dinamarquês. Está morando na Dinamarca, inclusive. Quando soube do seu casamento, através de uma rede social, me emocionei bastante. Mande uma mensagem para parabenizá-la, com muito carinho, e também para agradecê-la, pois foi uma das únicas crianças que me enxergou além da aparência e me proporcionou experiências que trazem memórias de dias muito felizes da minha infância, assim como estas. Recentemente soube que ela está grávida. Mais uma vez me emocionei. Espero um dia poder reencontrá-la pessoalmente.

FAIXA 2. RESSACA

Uma carta ao passado.

Oi. Eu sei que as coisas não andam muito bem por aí, então, eu resolvi voltar pra conversar um pouco contigo. Eu sei que alguns pensamentos te consomem e que tudo parece não ter solução. Parece impossível cessar essa dor, impossível voltar a viver sem medo, impossível deitar e dormir tranquila, impossível apagar as memórias que te traumatizaram. A última afirmação, por enquanto, é verdadeira. Eu ainda lembro desses traumas mas, na verdade, eu não sei se eu gostaria de esquecer, acredita? Todos os acontecimentos e, principalmente, as memórias da nossa vida nos trouxeram a quem somos hoje, nesse momento. E eu gosto de quem eu sou, de quem tu te tornou. O resto do que eu mencionei ali não é impossível, não. Inclusive já passou! Tu ainda não sabe, mas tu tem depressão e o papel dela é justamente esse. Fazer tu acreditar que não existe uma solução e que as coisas nunca vão mudar. Ela te faz parecer fraca, mas não é isso, tá? Tu vive com essa dor há muitos anos e ainda sorri. Tu passou no vestibular, num curso muito difícil de digerir e ainda tá aí, fazendo amizades, viajando e segue fazendo as pessoas rirem. Sabe que as pessoas com depressão, normalmente, são consideradas pessoas engraçadas. Isso é uma prova da nossa força. É a prova de que a gente tá lutando, sim. Mas quanto tempo a gente aguenta é outra história. É muito pessoal também. No nosso caso, são quase 10 anos. Há pelo menos 5, tu reza pra morrer todas as noites. Cinco anos. São pelo menos cinco anos que tu evita dormir ao máximo, porque, quando tu deita a cabeça no travesseiro, esses traumas te revisitam e os

pensamentos suicidas aparecem. É natural que hora ou outra tu te convença, não é fraqueza. Quando o dia chegar, eu vou estar junto contigo. Eu vou ser aquela voz que vai gritar lá do fundo: *Avisa alguém, ainda tem solução. Eu sei que dói, mas não desiste, por favor.* Tenta me escutar e confiar em mim. Eu sei que é um pedido muito grande, mas eu prometo que vai valer a pena. Na verdade, já valeu. Eu não queria te dar *spoiler*, mas obrigada pela confiança. Eu sou o futuro que tu imaginou quando pediu ajuda, e a gente tá arrasando por aqui.

FAIXA 3. AZUL

Diálogos que ajudaram a me curar.

Diálogo 1

- Quer me contar um pouco sobre o que aconteceu, Kristal?
- Não sei o que falar.
- Eu tô com a impressão de que tu tá trancando o choro. Pode chorar. Tá tudo bem chorar.

Diálogo 2

- Tu consegue voltar naquele dia e te defender? Tu aceita fazer esse exercício?
- Como assim?
- O que tu falaria pra defender a Kristal naquela situação?
- Eu perguntaria “Por quê? O que que eu fiz?”.
- Essa ainda é a Kristal que sofreu. Eu peço que tu defenda ela. Tenta te colocar de fora da situação.
- Não consigo.
- Posso entrar pra te ajudar ?
- Pode.
- Então me imagina do teu lado, segurando a tua mão.
- Tá.
- “A Kristal é maravilhosa. Tu não tem ideia da sorte que tu tem de ter essa pessoa sensível e incrível tão perto de ti. Ela não merece esse tratamento, e quem precisa mudar e buscar ajuda nessa história é tu.”

Diálogo 3

- Eu acho que as pessoas têm preconceito com a morte.
- Como assim?
- Se eu quiser me matar, o que é que tem? Por que eu não posso?
- Porque as pessoas querem o teu bem. Porque tu é importante, porque as pessoas te amam.

- Mas e se o que for me fazer bem é morrer? As pessoas querem o meu bem ou o bem delas? Eu sinto que aqui não é o meu lugar. O mundo tá cheio de injustiça. A cada rua que a gente caminha tem alguém morrendo de fome, tem guerras acontecendo em todos os cantos, povos inteiros sendo dizimados e as pessoas só querem saber delas mesmas. Ninguém se importa com algo além de si. Se todo mundo parasse um dia da vida e resolvesse ajudar quem precisa, o mundo já seria um lugar melhor, mas a gente se perdeu. Eu não consigo ajudar, eu não consigo agir. Então, eu não tô ajudando. Por isso não faz diferença.
- É por isso que tu tá aqui. Pra ficar bem. Tu acha justo que o mundo perca alguém que quer ajudar? Como a tua partida poderia ajudar mais o mundo do que a tua recuperação?

FAIXA 4. AURORA

Uma carta ao futuro.

Oi, Kristal. Passei muito tempo pensando no que eu poderia te falar. As coisas andam muito bem por aqui. A pandemia chegou com tudo e eu imagino que tu ainda esteja convivendo com as consequências dela, apesar de não saber quais são. Eu tenho muitas perguntas para ti nesse momento, mas a principal é: eu sobrevivi? O futuro é tão incerto. Eu sei que ele existe, mas será que ele existiu pra nós? Será que tu ainda perde algumas noites de sono se perguntando a respeito da vastidão do universo, da finitude ou não da vida? Talvez eu tenha criado muitas expectativas ao teu respeito. Será que tu ainda cobra as tuas infinitas versões como eu tenho cobrado ultimamente? Aproveito para te pedir desculpas por todas as cargas que eu coloquei nas tuas costas. Espero de verdade que tu seja finalmente capaz de viver mais o presente do que o passado ou o futuro. Por aqui a luta segue. Sigo pensando e projetando muitas coisas em ti, mas lembra quando tu tava perdida no passado? Então, parece que se perder no futuro é tão arriscado quanto. Tu já te deu conta disso, então, tem lutado bastante para te perder e te encontrar o tempo inteiro, mas agora no presente. Para te perder nas infinitas possibilidades de criações, nos pequenos e nos grandes momentos, te perder em paixões, em canções, histórias. Tu tem lutado para perder o medo, e, com esse movimento, eu também me perco. É o medo que me guia para o teu tempo e te trava no meu. O medo de falhar, de não ser suficiente, de não viver. Caso tu consiga perder o medo, não vamos nos encontrar. Eu serei uma memória tua, não mais o teu presente. Por mais que a situação esteja confortável por aqui e eu seja bem teimosa, eu acredito em ti e na tua capacidade de lidar com as coisas durante o curso da vida. Caso tu não me

subestime, quando tu encontrar essa carta, no tempo certo, eu já serei memória. Por fim, sou a ansiedade mandando lembranças.

3. Composições: Apegos, Afetos e Processos

Me pinto a mí mesma,
porque soy a quien mejor conozco.

(Frida Kahlo¹³)

Antes de descrever os meus processos e contar histórias, sobre mim e sobre as pessoas que fazem parte deste projeto, descrevo o cenário pandêmico que enfrentamos no presente momento. A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus denominado SARS-CoV-2 e foi identificada pela primeira vez na China, em dezembro de 2019. Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que a epidemia da COVID-19 constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) e, em 11 de março de 2020, uma pandemia. O primeiro caso de COVID-19 no Brasil foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020.¹⁴ Uma das orientações do Ministério da Saúde (MS), desde o princípio, como medida de contingência do vírus, é o isolamento e distanciamento social. Atualmente, novembro de 2020, são mais de 160 mil mortes, só no Brasil. As políticas públicas do atual governo estão contribuindo para que esse número cresça diariamente. Somente em 2020, o atual presidente nomeou três ministros da saúde. O primeiro, Luiz Henrique Mandetta, foi exonerado do cargo, pelo presidente, que não estava de acordo com as orientações do MS. O segundo, Nelson Teich, pediu exoneração, em menos de um mês após assumir o cargo, pois não estava de acordo com o

¹³ Frida Kahlo foi uma pintora mexicana que criou muitos retratos, auto-retratos e obras inspiradas na natureza e nos artefatos do México. Inspirada na cultura popular do país, ela empregou um estilo de arte popular ingênua para explorar questões de identidade, pós-colonialismo, gênero, classe e raça na sociedade mexicana.

¹⁴ Epidemiol. Serv. Saúde vol.29 no.2 Brasília 2020 Epub Apr 27, 2020

presidente a respeito dos protocolos de liberação da prescrição da cloroquina¹⁵ para pacientes nos estágios iniciais do novo coronavírus. O terceiro ministro nomeado, Eduardo Pazuello, diferentemente dos anteriores, não é médico, mas, sim, general-de-divisão do Exército Brasileiro, sendo o nono ministro de origem militar do atual governo. Por conta da pandemia e má administração dos recursos públicos, estamos vivendo um momento de recessão ou depressão econômica (ainda não há um consenso entre especialistas) no Brasil, mas, como eu posso usufruir dos meus privilégios, como o de trabalhar e estudar de casa, além de receber ajuda financeira de minha mãe e meu pai, estou isolada e mantendo o distanciamento social desde março de 2020.

Para discorrer a respeito de meus processos, primeiro falo sobre minhas referências, que eram as músicas que eu escutava nas rádios, na MTV (rede de televisão brasileira) e no TVZ (programa de música do canal de televisão Multishow), além das músicas que meu pai comprava para o *karaokê* e os CD's piratas que eu e meu irmão comprávamos no camelódromo de Tramandaí, para ouvir em nos nossos *walkmans* (tocadores de áudio portáteis). As músicas que eu tive como referência majoritária, durante a minha infância e pré-adolescência, eram do gênero Pop. Na adolescência, tive um pouco de contato com a música de Cazuza. Um pouco antes de iniciar as aulas de canto e violão, em 2011, foi quando comecei a ter maior contato com a música popular brasileira, com Chico Buarque, principalmente. No ano de 2012, por incentivo da minha professora de canto e do meu professor de violão, me aproximei um pouco mais desse universo, de Marisa Monte, de Elis Regina (que me inspirou a explorar mais a região grave da minha voz). Em 2015, quando tomei a decisão de trocar de curso e iniciei aulas particulares preparatórias para a prova específica, com Gabriel Görski, foi quando entrei em contato com o jazz, com Esperanza Spalding (a cantora afirmou em entrevista concedida à BUILD Series¹⁶, que não se considera

¹⁵ Cloroquina é um medicamento usado no tratamento e profilaxia de malária e doenças autoimunes. Folha informativa COVID-19 - Escritório da OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde) e da OMS (Organização Mundial da Saúde) no Brasil: Embora a hidroxicloroquina e a cloroquina sejam produtos licenciados para o tratamento de outras doenças (respectivamente, doenças autoimunes e malária), não há evidência científica até o momento de que esses medicamentos sejam eficazes e seguros no tratamento da COVID-19. As evidências disponíveis sobre benefícios do uso de cloroquina ou hidroxicloroquina são insuficientes, a maioria das pesquisas até agora sugere que não há benefício e já foram emitidos alertas sobre efeitos colaterais do medicamento. Por isso, enquanto não haja evidências científicas de melhor qualidade sobre a eficácia e segurança desses medicamentos, a OPAS recomenda que eles sejam usados apenas no contexto de estudos devidamente registrados, aprovados e eticamente aceitáveis.

¹⁶ Série de entrevistas ao vivo, transmitida pelo canal de entretenimento do *Yahoo!*.

jazzista, mas foi ela quem me abriu as portas para esse outro universo). Então, em 2017, no primeiro semestre cursando Música Popular, me deparei com um mundo completamente diferente do que eu esperava. Mesmo sem saber exatamente o que eu esperava ou se estava esperando alguma coisa, quando comecei a me aproximar de colegas da Música Popular, percebi que o que eu conhecia estava apenas na superfície de cada um desses universos, percebi que havia muito a ser explorado e logo tive a sensação de estar despreparada e de que eu não sabia coisa alguma sobre música. Senti vergonha por não conhecer artistas que a maioria dos homens conhecia e, quando me perguntavam sobre as minhas referências, ignorava completamente toda a minha história com o gênero pop, mencionando apenas essas referências que havia entrado em contato mais recentemente. Mesmo com o sonho de ser artista, sempre tive dificuldade de assumir que esse seria o meu destino. Entrei no curso com a ideia fixa de que seria professora e não seguiria uma carreira artística, pois, na minha cabeça, eu jamais seria boa o suficiente. Tentei me encaixar em gêneros que não me satisfaziam por inteira, neguei minhas referências até não poder mais. Até que, ainda no primeiro semestre, me aproximei do meu colega e, hoje, melhor amigo, Duda Raupp (produtor musical, multi instrumentista, compositor e beatmaker). Ao passo em que fomos nos aproximando, percebi que tínhamos uma trajetória e referências parecidas e que estava tudo bem não saber tudo sobre jazz ou música brasileira. Hoje, percebo que eu tinha colegas mulheres que evidentemente carregavam as mesmas referências, e não escondiam como eu, mas foi necessária a aprovação de um homem para que eu me sentisse confortável com isso. Nesse mesmo ano, 2017, fui chamada pela segunda vez para a seletiva regional do The Voice Brasil e o Duda me acompanhou. Esse momento foi bastante significativo para nossa aproximação e foi um grande marcador para o início do nosso projeto artístico, que hoje se chama Akairú (inspirado na palavra “*atairu*”, de origem tupi-guarani, para significar o que não encontrávamos em outras palavras: companheiros de viagem). Outro encontro de almas, dentro da academia, foi com a minha irmã do coração, Giovanna Mottini (cantora, compositora, guitarrista, professora). Foi ela quem me incentivou a deixar minha insegurança para trás e lutar pelo meu espaço enquanto artista, encarar meu sonho. Ela não me incentivava com as palavras, mas, sim, com as suas atitudes, com a certeza de quem ela era e do que buscava. Ela é daquelas pessoas que chamam a nossa atenção de cara. Ela tem forma, alma de artista e um coração que se transforma em poesia. Assim que nos encontramos, não nos separamos mais. Como o início de um relacionamento, passávamos horas juntas, improvisando com as nossas vozes, cantando, compondo, aprendendo

uma com a outra. Começamos a fazer aulas de canto juntas e fui parceira em sua primeira composição, chamada “Ganas”. Desde que a conheço, ela é uma mulher cheia de referências. Ela sempre me provocou bastante nesse sentido: “Busca tuas referências”, “Escuta esse som”, “Encontra quem te inspira”. E sabe que eu encontrei? A Gi é uma delas. Então, assim que eu consegui me tranquilizar em relação à minha trajetória, aceitá-la e me conectar com as minhas referências, o caminho dentro da academia foi muito mais proveitoso e sereno. Consegui encarar o que ainda era desconhecido e mergulhar nos novos caminhos, aprender o que eu tinha vergonha de não saber. As trocas interpessoais que a Universidade me proporcionou e ainda proporciona, tanto com professorias quanto com outros alunos, já fazem parte de quem eu sou e compõe uma das bagagens que eu carrego comigo para a vida, incluindo este projeto.

Eu poderia discorrer apenas sobre as harmonias, sobre os timbres de sintetizador, sobre as escolhas melódicas e rítmicas, sobre os panoramas de mixagem, sobre as estruturas e formas de cada música. Ao mesmo tempo, a análise do subjetivo conversa comigo, sussurra aos meus ouvidos e me implora para que eu escreva sobre o que apenas eu, no mundo inteiro, posso falar. É evidente que nenhuma ideia partiu de mim originalmente. É evidente que eu recebo influências externas que moldam a minha forma de pensar e as minhas escolhas. É evidente que nenhuma ideia surgiu a partir do nada, mas sim, de inspirações e combinações das diferentes coisas que já existem. As coisas que nasceram de mim foram as consequências das escolhas que tomei ao longo da minha vida, que permitiram que as músicas acontecessem como aconteceram. Permitiram que eu escolhesse essas pessoas, permitiram que essas referências fossem escolhidas, combinadas e transformadas em um novo material. O que explica essas escolhas e resultados é a minha trajetória e é por isso que, para explicar cada uma das faixas desse projeto, eu falo sobre ela. Conto histórias, diálogos e escrevo cartas para mim. Falo sobre os elementos que escolhi em cada instrumentista e não em cada instrumento.

Falando sobre o que me levou à escolha de cada instrumentista, me volto para as minhas contradições. Por estar cada vez mais em contato com o pensamento feminista, eu me questionei diversas vezes a respeito das minhas escolhas, sobre não ter optado por produzir sozinha esse trabalho e também por ter escolhido trabalhar, até o momento, majoritariamente com homens cis brancos. Senti a fragilidade do meu discurso, mas me dei conta de que estava tudo bem e que faz parte do processo, desde que eu avance nele em algum momento.

3.1 Participações

3.1.1 Apegos

DUDA RAUPP - PRODUÇÃO

O Duda é algo que aconteceu na minha vida. Quando entrei para a graduação em Música Popular, não imaginava que conheceria o meu melhor amigo. Sabia que faria amizades, mas não sabia que eu encontraria essa pessoa. Nos conhecemos há 4 anos, mas é como se ele estivesse aqui desde sempre. A gente costuma falar que nos reconhecemos. Tanto no sentido literal da palavra quanto na ideia de termos nos conhecido novamente. Descobrimos que cruzamos os mesmos caminhos, conhecemos as mesmas pessoas e estávamos nos lugares mais improváveis, ao mesmo tempo, e não nos encontramos ou apenas não nos percebemos. Enfim, o importante é que aconteceu e, provavelmente, no momento certo. À medida em que fomos nos conhecendo, percebemos que tínhamos muitas coisas em comum. A forma como a música entrou nas nossas vidas, os karaokês em família, as músicas do TVZ, a relação que tínhamos com nossos irmãos, as nossas mães, nossos aniversários e signos, praticamente tudo muito parecido. O Duda nasceu no mesmo dia que meu irmão, no dia 8 de março, e eu no dia 4 de março. Aos poucos, mas ao mesmo tempo rapidamente, construímos uma relação muito sólida. A nossa relação é de amor puro. É de confiança. É não ter medo de expor nossos sentimentos mais obscuros, por saber que a gente só vai encontrar conforto e compreensão do outro lado. Sabe aqueles sentimentos que a gente tem vergonha até mesmo de sentir e pensa que jamais teria coragem de contar para alguém? Para o Duda eu conto sem pensar. Quando me dou conta, eu já falei. A nossa relação é puxão de orelha também. Por mais que as nossas cabeças viajem bastante, o Duda consegue ser mais pé no chão do que eu. A gente viaja juntas, mas, se eu me afasto demais, ele vai lá me buscar e me trazer mais para perto do chão, com muito amor. Na hora até dá raiva, mas logo eu entendo e agradeço. Nosso carinho é refletido no som que a gente faz. Acho que, desde que a gente cantou juntas pela primeira vez, eu senti que aquele seria um dos lugares que eu gostaria de permanecer. Eu tenho um grande grupo de amigas que cultivo desde a infância. Crescemos juntas, entre conflitos e afetos, e nos consideramos irmãs. A relação que eu tenho com o Duda, com as suas particularidades, é tão significativa quanto a que eu tenho com elas. Amizade não é tempo, definitivamente. É conexão.

Quando a gente se conheceu, o Duda era guitarrista e produtor, mas costumava produzir mais os trabalhos de outras pessoas do que os próprios trabalhos autorais. A gente fazia nossos sons com vozes e guitarra, basicamente. Eu compunha, ele harmonizava e nós arranjávamos as vozes. Aos poucos, nós dois fomos nos interessando cada vez mais pela produção musical e beatmaking. Fomos influenciados pelo nosso amigo, meu ex-companheiro e amigo de infância do Duda, Henrique Cruz. A cada dia que passa mergulhamos mais a fundo nesse mundo da produção e sentimos que encontramos o nosso lugar. No decorrer do processo, estamos percebendo que esse é outro lugar onde nos damos muito bem e que podemos fazer trabalhos incríveis juntas. Algumas pessoas estão nos procurando para que sejam produzidas por nós dois. Isso é uma novidade muito significativa e gratificante. Cada vez mais estamos entendendo que a Akairú não é só o nosso projeto musical, mas sim a nossa relação, e nossa sintonia é o mais importante dentro dela, tanto no trabalho quanto na vida. Então, quando escolhi iniciar esse projeto, não consegui pensar em outra pessoa para produzi-lo junto comigo. Eu escolhi o Duda porque ele é meu melhor amigo e porque a gente trabalha muito bem juntas. Eu escolhi não trabalhar sozinha, porque eu entendi que seria mais saudável aceitar tanto as coisas que eu daria conta quanto as que eu não daria. Portanto, entendo que essa tenha sido uma escolha para esse momento específico.

JULIA PIANTA - SONOPLASTIAS E PERFUMARIAS

A Julia é baterista, percussionista e regente na Orquestra Feminina de Bateria e Percussão, “As Batucas”, fundada por sua mãe, Biba Meira¹⁷, em 2015. Eu e Julia nos conhecemos no primeiro semestre de Música Popular, em março de 2017. Não demorou para que nos indentificássemos e nos tornássemos amigas. Eu, ela e a Giovanna Mottini formamos o nosso bonde logo de cara. A Julia é uma das pessoas mais incríveis que eu conheço, sem mentira. Certa vez, estávamos fazendo uma festa na casa dela quando sua irmã chegou, se apresentou e logo falou “Se tem uma coisa que eu e nosso pai entendemos, com o tempo, e que vocês também vão entender sobre a Julia, é que ela tá sempre certa.”. Isso ficou gravado na minha cabeça, porque, de fato, ela está sempre certa. Ela é absurdamente coerente e madura. Ela está sempre certa principalmente

¹⁷ Precursora na bateria feminina no rock brasileiro, musicista, professora de bateria e percussão e criadora da orquestra feminina de bateria e percussão “As Batucas”. Licenciada em música (IPA) e especialista em Pedagogia da Arte (UFRGS).

porque ela sabe quando está errada. Eu tenho a impressão de que ela é uma alma antiga, vivendo no meu tempo. Sorte a minha. Além de ser uma pessoa linda, a Julia é uma profissional incrível. É a primeira mulher baterista a ingressar no curso de Música Popular da UFRGS. Já ouvi muitos comentários surpresos, vindos de homens, a respeito dela e de seu trabalho, como “Eu não sabia que a Julia tocava bem!” ou “Como a Julia toca bem, né?”, como se não fosse esperado. Sim, ela toca bem. Muito bem! Além disso, é estudiosa, responsável, organizada, engraçada e leve. Sou muito grata por ter sua amizade e poder trabalhar ao seu lado. A princípio, a Julia alternaria entre percussão e bateria com o Mateus, mas, com a chegada da pandemia, as possibilidades de gravação de alguns instrumentos foram limitadas para ela. Por conta disso, ela gravou algumas sonoplastias e perfumarias (chocalhos) para a segunda faixa, RESSACA.

LUCAS BRUNET (SONECA) - TECLADO E SINTETIZADOR

O Soneca é tecladista. Quando nós nos conhecemos, em janeiro de 2017, a prova específica já havia passado e eu estava prestando o vestibular. Eu e ele tínhamos um ensaio para um show que faríamos no Bar Opinião, com a banda A Figa. Nesse dia, era o último dia de prova e, antes do ensaio, eu estava chorando demais, porque eu corrigi as provas com o gabarito do ano errado e concluí que não passaria. Eu estava com duas amigas e logo descobrimos que o gabarito não havia saído ainda. Elas riram de mim e ficaram com a prova para corrigir enquanto eu estava no ensaio. O ensaio foi no estúdio do Soneca, que fica na casa dele e, quando cheguei lá, entrei me sentindo muito energizada e ansiosa. Era a primeira vez que eu faria um show daquele tamanho e eu ainda pensava que eu não seguiria carreira como cantora, não tinha coragem de me colocar como artista. Eu era a única mulher presente no ensaio e a única que subiria no palco em meio a tantos homens, e, na medida do possível, o Soneca tornou aquele momento um pouco mais confortável para mim. Ele foi o único homem que me elogiou musicalmente e me encorajou naquele momento. Eu estava ansiosa pela aprovação de todos, mas os únicos elogios vieram dele. O Soneca já estava cursando Música Popular, mas, como entrou em 2016 pela chamada extra, na metade do semestre, nos tornamos colegas em março de 2017. A presença dele é sempre confortável e, além disso, é um músico estudioso, responsável, tranquilo de trabalhar, organizado e bom de se ter por perto. Neste projeto, ele tocou teclado e sintetizadores na segunda faixa, RESSACA.

MATEUS MUSSATO - BATERIA

Eu conheci o Mateus no dia da prova específica da UFRGS, ao final de 2016. Na saída, encontrei conhecidas, que estavam com ele, e fomos tomar um café na Redenção. Ficamos nós quatro discutindo sobre as questões e comemorando nossos resultados. De alguma forma, eu me identifiquei com ele até mais do que eu me identificava com essas pessoas que eu já conhecia. Todas nós estudávamos no IPA (Instituto Metodista de Porto Alegre), na época, mas eu e ele ainda não nos conhecíamos. Passado esse processo de vestibular, fiquei com ele na cabeça, como uma memória positiva daquele dia, e torci para que fôssemos colegas. Deu tudo certo e, no ano seguinte, quando começamos o curso, ele era uma das poucas pessoas que eu conhecia. Como em qualquer início de curso, as pessoas sentavam em lugares aleatórios ou onde se sentiam mais seguras; e sentar perto de alguém conhecido, não importando o grau de intimidade, é um lugar relativamente seguro. Eu e ele sentamos perto desde o início. Aos poucos, as energias foram se alinhando, os grupos foram se formando, se fixando e se distribuindo por zonas na sala de aula. Mesmo não sentando sempre do lado dele, a nossa zona se manteve a mesma. Enquanto isso, a nossa amizade foi se construindo e se consolidando aos poucos. O Teteu, como eu costumo chamar, é um cara sério, um pouco fechado e tímido, mas que aos poucos vai se abrindo e permitindo que a gente conheça a pessoa incrível que ele é. Construímos uma relação de confiança e amizade muito bonita. Trabalhar com ele é uma das coisas mais fáceis e tranquilas. Além de ser um excelente instrumentista, ele é comprometido, estudioso, respeitoso, organizado e leva a sério todo o processo e trabalho no qual se envolve. O Mateus tocou bateria nas duas primeiras músicas que compus para este projeto.

ANA CLARA MATIELO, ANNA PERIN, GIOVANNA MOTTINI E ISABEL NOGUEIRA - ALICERCES

Eu conheci cada uma dessas mulheres em um momento diferente da minha vida. Por mais que cada uma de nós conte uma história diferente, eu vejo que faz muito sentido finalizar esse ciclo ao lado delas. Passamos 1 ano e meio, aproximadamente, nos encontrando semanalmente e sendo suporte umas às outras, no grupo de orientação do TCC. Aprendemos a falar e a ouvir, cuidar e ser cuidada. Em 2020, nos encontrávamos às sextas-feiras e dividíamos as nossas aflições em relação ao TCC, principalmente, porque ainda não sabíamos o que fazer. A pandemia

chegou de surpresa, portanto, os planos que a gente tinha mudaram completamente. Passamos praticamente o primeiro semestre inteiro de 2020 surtando a respeito dos nossos trabalhos. Isabel estava sempre ali, cumprindo com sua função de nos guiar, como se fosse uma ancestral mostrando um caminho pelo qual ela já havia passado. Um caminho que ela conhece muito bem. Conhece as sementes que plantou, sabe quais deram frutos e quais não, conhece o solo mais fértil para cada uma delas, conhece as flores que regou, o sabor dos frutos que colheu. Isso não significa que tenha sido tranquilo. Todas, sem exceção, em algum momento se sentiram desconfortáveis durante esse processo. Ele não é fácil mesmo, principalmente, porque nenhuma de nós tinha a intenção de entregar um trabalho qualquer. Todas nós falamos sobre e com as nossas almas. Trabalhar com a verdade, com sentimento, com a desconstrução é desconfortante mesmo. O mais importante foi que todas nós imergimos nele. Nós aprendemos muito umas com as outras. O processo de cada uma teve influência no processo das outras.

Durante o ano de 2021, com os trabalhos quase finalizados, servimos de suporte umas às outras, para lidar com as consequências que a pandemia impôs sobre as nossas vidas. Após um ano de isolamento, ninguém aguenta mais. Nenhuma de nós está totalmente equilibrada emocionalmente. Estamos nos segurando para não colapsar. Fizemos do nosso grupo, mais do que nunca, um grupo de escuta. Sim, estamos esgotadas. Muitas vezes pensamos que não daria, que não conseguiríamos finalizar esse ciclo, pelo menos não nesse momento, mas os nossos encontros nos trouxeram o que faltava. Juntamos os fragmentos de força que resta em cada uma de nós e, assim, conseguimos nos segurar. Dividir histórias com outras mulheres nunca foi tão importante. Nunca foi tão importante se sentir segura em um ambiente, mesmo que virtual. Portanto, não teria como deixar de incluir a participação dessas quatro mulheres no meu projeto. Muitas conclusões eu tive a partir das experiências que elas compartilharam comigo. Muitas ideias, muitas reflexões, muitos sentimentos evocados, que serviram como subsídio para as minhas composições, surgiram a partir de trocas que eu tive com elas. Existem muitas An(n)as, Giovannas e Isabeis no EP AURORA. Sou grata por tanta troca.

3.1.2 Afetos

DANIEL PINHEIRO - BATERIA

Nascido no dia 7 de março de 1991, em Campinas-SP, Daniel Pinheiro é músico profissional desde 2012. Daniel tem um projeto de workshops e masterclass. Além disso, leciona no Industrial Studio, em Campinas-SP; atua como sideman com diversos artistas e realiza gravações presenciais ou à distância. Participou da última faixa deste projeto, AURORA.

DESSA FERREIRA - PERCUSSÃO

Dessa Ferreira é produtora musical, percussionista, cantora, compositora, arte-educadora e ativista afro-indígena, LGBTQIA+. Filha de piauienses, nascida e criada na periferia do Distrito Federal, e radicada em Porto Alegre, é bacharel em Música pelo Instituto de Artes da UFRGS e, atualmente, é uma das 64 lideranças apoiadas pelo Fundo Baobá (Fundo de Equidade Racial), com o projeto Mulheres Negras e Tecnologia - Produção Musical Enegrecida. Com esse apoio, se formou Produtora Musical pelo IA&T (Instituto de Áudio e Tecnologia da EM&T - SP) em 2021. Gravou as percussões da última faixa, AURORA.

DIONÍSIO SOUZA - BAIXO

Dionísio Souza é músico riograndino, compositor, violonista, baixista e educador musical. Integra o Grupo KIAI de música instrumental. Participou da quarta e última faixa, que dá nome ao EP, AURORA.

FILIPE NARCIZO - BAIXO

Filipe Narcizo é baixista, professor de música e produtor musical. É integrante da banda MOIO e da Orquestra de Brinquedos. Participou da primeira faixa deste projeto, VENTANIA.

MARCELO VAZ - PIANO

O Marcelo Vaz é pianista performer, arranjador, professor, editor de partituras e compositor. É um dos fundadores e integrantes do Kiai Grupo. Para este projeto, gravou a primeira faixa, VENTANIA, e a última, AURORA.

3.2 Processos

É um desafio falar sobre processos de produção e composição de cada uma dessas músicas. Eu diria que, no meu caso, a música por si só já é a explicação do processo. Explicar uma música, às vezes, limita novas interpretações, e uma das coisas que considero mais bonitas na arte é o número de significados que cada obra pode ter. Desde o início do processo de produção deste trabalho, eu venho sentindo um certo desconforto ao ter que explicar as minhas escolhas e o significado de cada uma delas em termos musicais teóricos, como harmonias, escolhas de timbres, construção dos arranjos etc. A história por trás de cada uma dessas músicas fala muito mais sobre elas, representa e desenha o sentimento manifestado em cada uma. Contar histórias possibilita que todas as pessoas compreendam e não apenas as pessoas que dominam a teoria musical. Estando dentro de uma universidade federal e entendendo como funciona o sistema, principalmente para manter um curso de artes em um país como o Brasil, compreendo a importância da produção de trabalhos científicos que reforcem e valorizem a relevância de um curso como o de Música Popular. Entretanto, com todo respeito, em um mundo ideal, a arte deveria ser expressada da maneira que a pessoa artista quisesse. Agradeço à minha orientadora, Isabel, por entender o meu processo e me apoiar na minha decisão de contar sobre as minhas produções da forma que me convém. Escolho começar pelo que acendeu meu desejo de estudar produção musical.

Desde que eu e o Duda nos encontramos, em 2017, viemos construindo um trabalho musical ao mesmo tempo em que construíamos a nossa relação. Nossos encontros começaram com ensaios, no quarto dele, e se transformaram em momentos de afeto, troca, confiança e amor. A Akairú era inevitável. A gestação começou com a nossa chegada ao mundo e nasceu do nosso encontro. Até pouco tempo, nós acreditávamos que Akairú era o nome do nosso projeto musical, mas recentemente descobrimos que nós somos a Akairú. Nossa relação, nossa soma e o nosso

amor. Nós passamos pelo menos dois anos, de 2017 a 2018, nos conhecendo e entendendo como faríamos música juntas. A gente sabia que esse era o caminho a ser seguido, mas ainda não sabíamos como. Em 2019, com algumas músicas já compostas, resolvemos gravar dois videoclipes, em uma sessão ao vivo, com uma banda composta por Mateus Mussatto, Lucas Brunnet e Filipe Narcizo. No mesmo ano, eu havia optado por cursar a disciplina eletiva chamada “Música e Gênero”, ministrada por Isabel Nogueira, já citada anteriormente. Discutíamos muito sobre os papéis dos gêneros nos espaços musicais, inclusive nossas relações profissionais com músicos homens cis, amigos ou não. Foi nesse momento que comecei a refletir mais sobre o meu papel dentro da Akairú enquanto projeto musical. Foi quando eu consegui expressar em palavras a sensação que eu tive trabalhando com 4 homens, sendo a única mulher. O incômodo e a sensação de ameaça mesmo no meio de amigos. Ameaça de silenciamento. Me vi sem voz dentro do meu projeto.

Antes de gravarmos a sessão ao vivo, ensaiamos algumas vezes no estúdio do Soneca (Lucas), e foram nesses encontros, principalmente no primeiro, que senti a pressão de ser mulher no meio musical. Lembro que eu não sentia nem vontade de falar, por causa do vocabulário, não queria me expressar e ser julgada. Das duas vezes em que eu consegui criar coragem para falar, eu não fui compreendida. Dei duas sugestões que foram recebidas com “Não, sim... mas quem sabe a gente não faz isso?” e então foi sugerido exatamente o que eu havia falado, mas em outras palavras. Até que, em determinado momento, um deles sugeriu alguma ideia para o arranjo e foi respondido com “Sim, não... poderíamos fazer tipo isso, né?” seguido de uma sugestão completamente diferente da original. Se concordavam comigo e não concordavam com ele, por que eu recebi um “não” antes do “sim” e ele um “sim” antes do “não”? Conversei apenas com o Duda a respeito do meu incômodo e ele me acolheu, demonstrou estar disposto a mudar, mas ao mesmo tempo sugeriu que era provável que eu não tivesse me expressado bem. Inclusive, ele me falava isso com certa frequência e eu acabei incorporando a frase “acho que eu não me expressei muito bem” no meu acervo de frases automáticas, como “é por causa da TPM”, “eu consigo fazer, mas ele faz melhor” e “tá tudo bem”, quando na verdade não tá.

Na época, eu não tinha um vocabulário técnico para explicar o que eu gostaria de ouvir. Até hoje estou desenvolvendo ele, e por um tempo eu acreditei mesmo que era minha culpa, que eu não sabia me expressar e que eu só conseguiria respeito e voz quando eu aprendesse essa linguagem. Com o andamento das aulas com a Bel, apelido carinhoso para Isabel, e também com

o aprofundamento desse estudo, eu percebi que muitos homens também não dominam esse dialeto, mas que os homens, entre si, fazem mais questão de se entender, até para não dizerem que não sabem ou que não entenderam o que o outro está falando. Percebi que há uma certa relutância em querer compreender o que uma mulher fala, eu diria que inclusive há um esforço em não compreender o que a gente fala. Além disso, um homem ir contra a ideia do outro pode representar um grande risco para o jogo de poder que existe nessas relações, por isso o “sim” antes de dizer para o outro que não concorda com a sua ideia. Não faz muito tempo que o próprio Duda, depois de eu ter demonstrado meu desconforto com a dificuldade na comunicação, começou a se dar conta de que eu falo constantemente que não sei me expressar e tem me ajudado a desconstruir esse pensamento que ele me ajudou a construir. Agora, escuto com frequência “tu te expressou bem, sim”, mesmo quando eu percebo que ele não entendeu e tenho que falar de novo.

De qualquer forma, eu sempre fui sedenta por conhecimento. Eu sempre tive dificuldade de aceitar que eu não saberia tudo nessa vida, nem mesmo se eu acumulasse a experiência de milhares de anos. Como o meu trabalho e a minha relação com a música são muito responsáveis pelo sentido da minha vida, são de fato o que me move, é nesse espaço que eu mais tenho medo de “errar” e sinto mais ganas de aprender e desenvolver meu conhecimento em diferentes áreas, o tempo inteiro. Portanto, desde que esse desconforto surgiu, eu comecei a me aprofundar nos meus estudos referentes à produção musical. Comecei a escutar música com maior atenção, reunir referências, entender o que eu gosto ou não e o porquê. Entendo que a maior motivação pode não ter sido a melhor delas, me provar, mas aos poucos ela vem se redesenhando e se transformando unicamente em interesse. Com o passar do tempo, assumi a linha de frente nas produções da Akairú, ao lado do Duda, além de tomar as rédeas das minhas músicas como artista solo, incluindo esse projeto.

A primeira ideia para o meu trabalho de conclusão de curso era um álbum composto por 10 músicas, que seria produzido apenas por mim. Eu me empolguei e queria fazer tudo sozinha. Ainda com a ideia bem embrionária, eu me dei conta de que não era viável e de que ninguém fazia algo completamente só. A partir disso, eu comecei a perceber que o meu trabalho falaria justamente sobre o contrário, sobre a desmitificação de ídolos. Sobre a construção de redes, sobre a importância do afeto, das trocas e sobre as pontes que podem ser construídas em grupo. Todo o trabalho de sucesso, seja ele qual for, foi construído em equipe. Depois disso, as 10

músicas se tornaram 12. Então, compus as doze músicas e estava mentalmente preparada para me aventurar nas produções de cada uma delas. Cada uma delas contava uma história sobre a minha vida e sobre as pessoas diretamente ligadas a ela. Seria uma homenagem à minha rede de apoio, que, felizmente, é gigante. Porém, infelizmente, a vida tinha outros planos para o ano de 2020. O mundo adoeceu com a chegada do coronavírus (SARS-CoV-2) e nossos projetos foram todos para o ralo, ou gavetas. Em março, eu havia iniciado meus estudos de produção e beatmaking, no Ableton Live¹⁸, com a compositora, produtora e performer trans não-binária, Bê Smidt. Fizemos uma aula presencial, na casa dela, e as próximas já aconteceram via Google Meets¹⁹, devido ao isolamento social. Um pequeno detalhe que ainda não mencionei, é que antes de produzir as 12 músicas, a Kristal do passado achava que desenvolveria uma fórmula matemática para compor e produzir cada uma delas a partir de um mapa astral. Apesar de ser apaixonada pela matemática e pela astrologia, obviamente, esse plano teve que ir para a gaveta e aos poucos fui entendendo que o álbum não aconteceria nesse momento e que melhor seria mudar a estratégia. Então, a semente de “Aurora” foi plantada. Decidi que faria um EP, e que ele seria contemplado por 4 faixas.

Tentando entender sobre o que ele falaria, passei um tempo observando as músicas que eu já havia composto, na tentativa de encontrar algo que estivesse sendo dito de forma subjetiva, que eu pudesse aproveitar sem que o novo projeto impossibilitasse a ideia do álbum no futuro. Tentei detectar quais eram as histórias que eu contava no álbum que poderiam ser os pilares de quem sou hoje, e eu encontrei uma que eu não costumava contar, mas que estava presente em todas as músicas. Sempre existiu um confronto entre a minha mente e o meu corpo. Eu sempre tive muitas ideias e muitas vontades, mas sempre abandonava no meio ou nem começava. Minha cabeça me dizia que eu tinha que sair mais, me exercitar, escrever um livro, encontrar minhas amigas, aprender a tocar um instrumento, pintar um quadro etc. Eu começava tudo isso, mas nunca acabava. Tenho quadros e histórias pela metade, retratos de onde eu não fui e instrumentos que ainda não aprendi. Essa briga entre corpo e alma sempre foi muito intensa, desgastante, e eu pensei que falar e refletir sobre isso poderia ser um bom começo para chegarmos ao fim dela. Pensei que o EP falaria sobre essa luta constante entre o pensar e o agir. Que falaria sobre a minha cabeça, que pensa tanto e tem tantas ideias, que chega a travar o meu corpo. Eu achava que era isso o que acontecia, tipo uma pane no sistema quando ele

¹⁸ Software para criação musical e performance.

¹⁹ Google Meet é um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google

sobrecarrega. Até que, durante a gravação da primeira faixa, Ventania, eu entendi sobre o que eu estava falando. Naquele momento, depois de meses trabalhando nesse projeto, eu finalmente consegui entender o que o meu corpo e a mente falavam. Esse tempo todo, eles não estavam brigando entre si, eles estavam tentando se comunicar comigo, e eu só percebi isso agora, mesmo depois de anos de terapia por causa da depressão, que era ela que me travava. A minha história com a doença é antiga e eu só pude me dar conta disso quando consegui encará-la de frente. Falar sobre a depressão é também uma forma de curá-la. Ao mesmo tempo, sabe-se que não há uma cura definitiva, ela sempre pode voltar, por isso eu a respeito. Subestimar a doença, como já fiz, não está mais nos meus planos. Eu vivo em estado de alerta e, às vezes, é cansativo, mas eu agradeço, porque eu vivo. Cada música desse projeto descreve fases dos meus processos, meu ciclo, minha história. A união delas representa um contraste entre a tristeza provocada pela depressão e a minha alegria, leveza e vontade de viver. A primeira faixa, intitulada VENTANIA, retrata os meus movimentos de infância, minha imaginação fértil e alguns gatilhos, primeiros sinais da doença. A segunda faixa, chamada RESSACA, retrata o ápice da doença, o turbilhão de emoções e confusões onde estive submersa. A terceira faixa, AZUL, é a representação do meu processo terapêutico, momento de reconstrução dos sentimentos e minha vontade de viver. É um mantra. A quarta e última música, que se chama AURORA, traz a cura, esperança, fala sobre a força e a importância do tempo, sobre a felicidade, sobre não desistir, sobre o presente e sobre estar viva.

VENTANIA

*universo a rodar com os tempos
se cansou de esperar
liberdade se derrama
sorte de poder criar*

*lar que reinventa novos ventos
que veleja no ar
sabe o poder de dançar*

sorte que nascerá

*e se transformará em
constelação,
que corre no tempo
por ventos e vãos
imaginação*

*lava, vulcão,
os caminhos do tempo,
que mudaram
aceleração
vencerá
novos dias virão*

*névoa que sai do peito, luar
novas poesias, que crescem dentro
dessa ventania
daria sinfonias de Pagu²⁰*

*ar que reinventa novos ventos
que veleja no lar
sabe o poder de nascer*

*sorte que dançará
e se transformará em*

*constelação,
que corre no vento
por tempos e vãos
imaginação*

*lava, vulcão,
os caminhos do tempo,
que mudaram
aceleração
e virá, os dias vencerão*

névoa que sai do peito, luar

²⁰ Patrícia Rehder Galvão, conhecida como Pagu, foi uma escritora, poetisa, diretora, tradutora, desenhista, cartunista, jornalista e militante da política brasileira.

*novas poesias, que crescem dentro
dessa ventania
daria sinfonias de Pagu*

*névoa que sai do peito, luar
novas ventanias, que crescem dentro
dessa sinfonia
daria poesias de Pagu*

*névoa que sai do peito, luar
novas sinfonias, que crescem dentro
dessa poesia
daria ventanias de Pagu*

*névoa que sai do peito, luar
novas poesias, que crescem dentro
dessa ventania
daria sinfonias de Pagu*

Essa música começou com uma provocação da Giovanna Mottini. Em março de 2020, início da pandemia no Brasil, estávamos passando por um momento bastante parecido, onde nós duas estávamos com muita dificuldade de focar nas nossas composições. Em uma troca de mensagens, ela propôs que eu fosse para o piano, tocasse o que eu estava sentindo e mandasse para ela. Além disso, ela me mandou um passo-a-passo para seguir, mas acabei deixando ele de lado. Naquele momento, o mais importante era entender o que eu estava sentindo e conseguir traduzir musicalmente. Improvisar é uma forma de liberar espaço dentro da cabeça. Geralmente, quando surge um improviso ou a necessidade de improvisar, é porque eu estou sentindo e pensando em muitas coisas ao mesmo tempo. Então, eu deixo as sensações e as memórias relacionadas a essas sensações me guiarem. Imagens aparecem na minha cabeça e eu tento desenhá-las em forma de som. Eu não improviso com a pretensão de sair com uma música pronta, mas, sim, de sair me sentindo melhor do que quando eu entrei. Nesse dia, 31 de março de 2020, eu cantei o que eu considero um dos improvisos mais bonitos que eu já fiz até hoje, e que se tornou a melodia do refrão de VENTANIA.

Meses depois, no dia 29 de junho de 2020, estava vendo um vídeo da cantora, pianista e compositora, Flavia K²¹, no Youtube, onde ela mostra a construção dos vocais de um trecho da sua composição, “Janelas Imprevisíveis”. Como forma de estudo, escrevi os voicings²² do piano e as três linhas melódicas da voz, no Musescore²³. Exportei o arquivo MIDI²⁴ da partitura para o Ableton Live²⁵, escolhi um timbre aleatório de piano para os acordes e gravei as linhas melódicas na voz, para sentir no corpo como elas funcionavam. Durante esse processo, fui surpreendida com o sentimento que o pequeno trecho da composição me evocou. A sensação era como se eu estivesse revisitando os verões em família, na praia, cantando no karaokê, me embalando na rede e pulando no mar. Quase que instantaneamente, me recordei da melodia que eu havia criado em março, e senti que eu poderia e deveria dizer muitas coisas a partir dela. Foi como se a canção de Flavia tivesse conversado com a minha e a convidado para um passeio, que logo se tornou uma viagem. A harmonia de “Janelas Imprevisíveis” foi inspiração e, a partir dela, surgiu a base harmônica de VENTANIA. A partir desse momento, a semente plantada em março começou a florescer.

A voz sempre foi o meu principal instrumento de comunicação. Não me comunico muito bem com o corpo ou por gestos, apesar de meu rosto não costumar esconder meus sentimentos, mas as palavras sempre foram minhas aliadas, principalmente as que são ditas. O processo de entender o que eu estava falando com a música foi lento. Eu sabia o que eu deveria sentir com ela, sabia que era uma música nostálgica. As vozes deveriam representar uma mente fértil, em movimento, que viaja até esquecer de seu ponto de partida. A música deveria acabar no auge e evocar as memórias mais alegres do passado, da infância. Deixei que esse sentimento me guiasse e fui criando quantas vozes fossem necessárias até que eu me sentisse satisfeita. Então, com o arranjo de voz finalizado, precisava transformar as memórias em palavras. Com as guias de voz,

²¹ Flavia K, cantora, pianista e compositora, que traz um trabalho de renovação e resgate da música brasileira, através da fusão de estilos: jazz, bossa nova, soul e funk, imprimindo um novo som com suas músicas autorais e releituras de clássicos da MPB. Estudou piano clássico e piano jazz na Fundação das Artes de São Caetano do Sul e estudou canto com as professoras Tania Lasse e Diana Goulart. Hoje, estuda piano jazz e harmonia com o renomado músico e professor Leandro Cabral.

²² Forma como as notas se distribuem no instrumento.

²³ Editor de partituras para computador.

²⁴ Musical Instrument Digital Interface (Interface Digital para Instrumento Musical). Conjunto de códigos padronizados que representam parâmetros musicais (como tom, dinâmica, andamento). É uma linguagem de computador que aciona sons.

²⁵ DAW: Digital Audio Workstation (Estação de Trabalho de Áudio Digital). Funciona como um software (sistema de processamento de dados).

teclado e bateria em minhas mãos, sentada em uma cadeira de praia, no segundo andar do meu apartamento, coloquei a música para tocar e comecei a escrever. Em um final de tarde qualquer, passado um tempo da criação da letra e da melodia de VENTANIA, estava lavando louça quando o canto de um pássaro roubou a minha atenção. Fui pega de surpresa quando, no meio da sua performance, identifiquei a melodia e logo pensei “Peraí, essa música é minha!”. Ele cantava a melodia correspondente à poesia “*lava, vulcão*”. Fiquei curiosa e fui pesquisar para saber qual era a espécie de quem me visita sempre aos finais de tarde. Sabiá-Laranjeira, ave símbolo da capital gaúcha. Sem me dar conta, provavelmente incorporei seu canto ao meu.

Desde o princípio, sempre que eu pensava em referências para o piano, eu pensava no Marcelo. Os caminhos que ele percorre, a forma como ele não se apega a uma tonalidade ou métrica específica, era exatamente o que eu precisava para representar a história que eu queria contar. No dia em que ele me encaminhou a sua gravação, tive minha expectativa correspondida. Ele conseguiu representar o que eu estava dizendo e foi um pouco além. Foi no dia 17 de setembro de 2020, durante o processo de gravação da voz principal de VENTANIA, cantando enquanto eu ouvia o piano feito por ele, que eu entendi o que eu estava falando através do EP. Mesmo depois de escrever a letra, eu ainda não tinha certeza a respeito do seu significado. Quando eu gravei minha voz, acompanhada apenas pelo piano de Marcelo, sem metrônomo, eu entendi. Foi como se a chave tivesse virado na hora. As ordens das palavras vão mudando, e dão a sensação de que eu estou me afastando cada vez mais do ponto de partida e de que as ideias estão confusas. Ao mesmo tempo em que eu me sentia nostálgica e alegre, eu lembrei de muitas coisas que eu tinha enterrado em algum lugar profundo do meu ser. Sentimentos que antes eu tinha medo de revisitar se apresentaram de uma forma branda e eu entendi que algumas coisas só vão embora quando a gente encara de frente. Entendi que falar sobre a depressão colocaria um ponto final neste capítulo da minha vida e me permitiria viver e contar novas histórias. VENTANIA é movimento, é transformação, vivência. Também é memória, respeito e esperança.

RESSACA

*doeu demais ouvir
doeu demais dizer
confesso eu não tô mais aqui*

*por tudo o que eu falei
até que eu me calei
perdão eu tive que fugir*

*da estrada da nossa imaginação
fui barrada, até subi no cordão*

*eu dei passagem à vida, dei passagem à vida
eu dei passagem à vida, dei passagem à vida*

*peço perdão
pela janela de pressão
eu busco a paz, quero me libertar*

*peço perdão
pela janela, depressão
tirei os pés do chão
eu vou voar*

*eu dei passagem à vida, dei passagem à vida
eu dei passagem à vida, dei passagem à vida*

*peço perdão
pela janela de pressão
eu busco a paz, quero me libertar*

*peço perdão
pela janela, depressão
tirei os pés do chão
eu vou voar*

*peço perdão
por não saber como pousar os pés no chão
te peço perdão,*

*mas não posso mais aguentar
 não poder dançar
 não saber mais como falar, cantar
 não saber aonde chegar
 peço perdão, mas, pelos pés e pelas mãos,
 deixo escapar essa poção*

Eu comecei a escrever essa música no dia 9 de março de 2020. Ela é uma das 10 músicas que eu compus para o projeto do álbum. Eu estava submersa nesse processo de composição desde dezembro de 2019. De todas que eu havia composto até aquele momento, era a mais difícil. Foi a última antes que eu acrescentasse mais duas ao projeto. Ela fala sobre o pior momento da minha vida, sobre quando eu não conseguia mais enxergar o futuro ou uma razão para permanecer. Eu comecei a escrevê-la depois de ter escutado a música “Azul Moderno”, de Luiza Lian²⁶. Tudo naquela música me reconectou com o período mais turbulento que eu vivenciei durante a depressão. Foi como se “Azul Moderno” tivesse sido composta para ele. A letra, a melodia, as dinâmicas da voz, a atmosfera melancólica, os timbres, a representação de sons da natureza. A forma como todos esses elementos conversam com a voz e afirmam o que a letra está dizendo serviu de inspiração para a minha composição.

RESSACA estava fora dos meus planos para o EP. Desde março de 2020, com a chegada da pandemia, ela estava parada e eu não esperava voltar para ela tão cedo. Realmente era uma música muito difícil de encarar. Admito que senti um pouco de alívio quando o projeto levou um novo rumo. Achei que ainda não estava pronta para lidar com as consequências de falar abertamente sobre essa fase da minha vida. Como comentei anteriormente, foi no processo de gravação de VENTANIA que eu compreendi a essência do projeto, e foi nesse momento que resgatei RESSACA, no dia 18 de setembro de 2020. Senti que a ideia original precisava de alterações. Agora, mais do que nunca, eu precisava dar muita atenção às vísceras que eu exporia ao mundo. Evitar alguns sentimentos e me apegar à ficção são características mutáveis, mas que ainda fazem parte de mim. Vivo imersa em um mundo fantasioso, que eu alimento diariamente, mas, quando eu me disponho a encarar a realidade, eu também me entrego, eu mergulho.

²⁶ Luiza Lian é uma cantora, compositora e artista visual brasileira.

A música representa literalmente a ressaca do mar. As ondas são formadas pela ação do vento em sua superfície, e a ressaca é o movimento anormal das ondas sobre si mesmas. Ela é causada por rápidas e violentas mudanças no tempo. VENTANIA contextualiza que os caminhos do tempo mudaram de aceleração e novos dias virão, RESSACA é a consequência. Pensamentos que antes transbordavam criatividade e sopravam como brisa em dias de sol, se transformaram em ventania, depois furacão. Eles se tornaram violentos dentro da minha cabeça, como o movimento das ondas sobre si mesmas. Eram sussurros e tempestades, e as vozes que lutavam por mim se afogavam cada vez mais. Era uma confusão mental, que me enlouquecia e me enfraquecia diariamente. Não existia uma superfície sólida em que eu pudesse me agarrar para tentar sobreviver. Era como sentar com as pernas para fora de uma janela, no último andar de um prédio, e enxergar as pessoas embaixo gritando para eu pular. Teve um dia que eu resolvi experimentar a sensação. Abri a janela do meu quarto e, quando eu estava colocando as pernas para fora, meu irmão passou e me arrancou de lá. Não sei o que eu estava pensando. Provavelmente em nada ou em tudo.

As desculpas são para mim. Por todas as coisas que eu falei para me machucar e por desistir. Foram muitos anos lutando e eu já não aguentava mais viver daquela forma. Na verdade, eu já não estava mais viva há algum tempo. Quando me dei conta disso e tomei coragem de partir, as coisas pareciam bem organizadas na minha cabeça. Eu sentia que estava tudo resolvido e que aquela era a melhor decisão. Pesquisei na internet qual seria a dosagem necessária para que determinada medicação fosse tóxica para o meu corpo e tomei um por um, tranquilamente. Muitas coisas passaram pela minha cabeça enquanto eu esperava. Muitas. Em determinado momento eu ouvi uma voz, que lutou muito para ser escutada. Ela me dizia para pedir ajuda, me dizia que ainda dava tempo e para eu dar uma chance à vida. Para eu tentar. Ela me prometeu que o futuro seria bom. Chamei meu irmão.

AZUL

*o mundo em câmera lenta
as cores brocharam,
algo que o vento já sabia,
quando o presente encontrou o passado*

*janelas se abrem no espaço
miragens distorcem os fatos
palavras esbarram esquadros
e o silêncio desorientado*

*tudo girou
descrever um sentimento é um grande tormento, mas
escuto o futuro me pedindo pra ficar
e eu*

*quero me reconstruir
quero conseguir lutar
não quero me abandonar
o riso nos meus olhos
sei que um dia voltará a brilhar*

*quero voltar a sentir
todo meu corpo habitar
dançar ao som da lua
azul interior extravasar
presença, presença, presença*

*corro contra o tempo ao meu lado
soltei minha mão no passado
um tiro no escuro pensado
posso até sangrar, mas não caio*

*palavras aos poucos transbordam
pensamentos se tornam asfalto
eu percorro o caminho descalça
pode esquentar, mas não volto*

*tudo mudou
observo a cada passo um novo sentimento*

*escuto o presente me pedindo pra ficar
e eu*

*quero me reconstruir
quero conseguir lutar
não quero me abandonar
o riso nos meus olhos
sei que um dia voltará a brilhar*

*quero voltar a sentir
todo meu corpo habitar
dançar ao som da lua
azul interior extravasar
presença, presença, presença
e eu*

*já fui, nunca mais serei servida
de isca pra anzol
consegui me soltar e enxerguei
que depois do azul. vem o arrebol
cansei de culpar
a cada verso que eu deixei escrever
no espelho profana miragem
tive que matar pra não morrer*

*ê!
viver, cantar, escrever pra não ser só e só
viver, cantar, escrever pra não ser só e só
viver, cantar, escrever pra não ser só e só
viver, cantar, escrever pra não ser só e só viver*

AZUL é um mantra. É a jornada até a cura. Comecei a compor em outubro do ano passado, 2020. Estava vendo o primeiro episódio da série “Song Exploder”, na Netflix²⁷, onde Alicia Keys²⁸ e Sampha²⁹ compartilham o processo de composição e a história por trás da música “3 Hour Drive”, que fizeram em parceria. Ao final do episódio, eu me vi em êxtase. O poder dessa música tocou a minha alma. A história, o beat, a letra, a melodia, assim como o arranjo de “Janelas Imprevisíveis” e “Azul Moderno”, me evocaram muitos sentimentos. Ver a Alicia Keys construindo o beat foi muito inspirador. Eu acabara de entrar nesse universo do beatmaking e já sabia que era um dos lugares onde gostaria de permanecer e me aprofundar. Assim que ouvi “3 Hour Drive” do início ao fim, eu estava pronta para começar a escrever. Procurei o instrumental da canção, no YouTube, e comecei a improvisar. A letra foi surgindo daí. Inspirada pela Alicia Keys, eu senti que poderia e deveria compor sozinha o beat de AZUL, pois era como eu me sentia durante o processo de cura. Eu tinha todo o apoio necessário para vencer a doença, mas, ao mesmo tempo, me sentia sozinha. Querer sobreviver, querer ser feliz e permanecer dependia de mim. Eu não podia esperar que lutassem no meu lugar. Por maior que fosse a rede de apoio e o amparo, a luta era minha.

A partir do momento em que eu assumi a responsabilidade de produzir o beat sozinha, foi como se eu tivesse colocado uma barreira entre eu e os meus processos criativos. Muitas inseguranças surgiram e eu acabei deixando essa música de lado por bastante tempo. O processo, iniciado em outubro de 2020, foi retomado apenas em março de 2021. Na época em que comecei a escrever a letra de AZUL, eu estava muito conectada com a sensação que eu queria passar, e foi muito difícil me reconectar com ela depois de tanto tempo. Só agora, escrevendo sobre o processo, eu percebi que rever o episódio da série teria me ajudado, mas tudo bem. Deu tudo certo. Ainda sem o beat e com o prazo esgotando, eu cheguei a considerar que talvez não fosse o momento para fazê-lo sozinha. Eu considerei desistir muitas vezes. Inclusive, cheguei ao ponto de pensar em abrir mão dessa música. Refleti por um tempo e então me dei conta de que eu não poderia desistir justamente da música que fala sobre não desistir e lutar até o fim. Consegui focar na produção dela e o beat saiu. Deixei alguns detalhes para resolver com o Duda, que me ajudou na construção da parte final, e finalizei a letra.

²⁷ Netflix é uma provedora global de filmes e séries de televisão via streaming, sediada em Los Gatos, Califórnia, e que atualmente possui mais de 200 milhões de assinantes. Fundada em 1997 nos Estados Unidos, a empresa surgiu como um serviço de entrega de DVD pelo correio.

²⁸ Alicia Keys é uma cantora, pianista, compositora e atriz norte-americana.

²⁹ Sampha é um cantor, compositor, pianista e produtor musical inglês.

AZUL é um mantra, porque eu precisava repetir em voz alta, todos os dias, os motivos para permanecer. Eu tinha que me convencer a ficar, mesmo sem ter certeza. Quando eu pensava em desistir, escutava aquela voz me pedindo para lutar, dizendo que valeria a pena. De certa forma, era como se o futuro realmente estivesse ali, ele gritava. A minha intuição sempre foi muito forte, até mais do que eu gostaria. Cansei de ouvir isso de pessoas sensitivas, bruxas, espíritas. Cansei de verdade. Muitas vezes me disseram que eu deveria aprender a lidar com a minha espiritualidade ou então não seria feliz, não viveria em paz. Eu ainda tenho dificuldade de lidar com isto, mas eu consigo perceber que ele existe. A minha intuição raramente falhou, já me salvou de muitas situações. Eu sinto que é algo que vai além do instinto de sobrevivência, como se outras pessoas, talvez outras versões de mim, estivessem me guiando. Seja lá o que for, essas vozes e guias fizeram parte do processo de cura da doença. AZUL tem como essência um beat contínuo e muitas dobras de voz. A cor azul tem o poder de acalmar e relaxar. Significa tranquilidade, harmonia e espiritualidade, mas também está associada à frieza, monotonia e depressão. Simboliza a água, o céu e o infinito. AZUL é a depressão e a luta. É o afogamento e a respiração. É o azul do mar e o azul do céu. É o caminho até a cura. É um mantra.

AURORA

*a ventania um tempo durou
deixou ressaca, mas arrematou
o azul do céu inteiro transbor(dou-me)
a chance de curar*

*um mar inteiro, adentro o interior
cada muralha que arrebentou
deixou (re)trato bem o passado
quando volto lá*

*deságua, o vento
parece capaz
o livramento
novos dias traz*

*desfaz o tempo
não importa mais*

*deixa o relógio descansar
tenta não entrar na dança
que faz o teu corpo esgotar
rega na mente a cobrança*

*tempo só o de criança
move os rios e remansa
todo o presente reinará
nasce no horizonte
aurora*

*cada momento que a pele rasgou
esmaeceu, se resigni(ficou)
guardado nas memórias que hoje consigo enfrentar*

*braços abertos, meu peito é cais
jogo palavr(as) pedras deixo pra trás
quem chega é quem decide se fica ou sai*

*deságua, o vento
parece capaz
o livramento
novos dias traz
desfaz o tempo
não importa mais*

*deixa o relógio descansar
tenta não entrar na dança
que faz o teu corpo esgotar
brota na mente a cobrança*

tempo só o de criança

*move os rios e remansa
 todo o presente reinará
 nasce no horizonte
 aurora*

*cansei de correr
 pra alcançar o Universo
 dispersa não vi
 que eu já tava aqui, mas a mente se perde
 enquanto eu descarrego
 minha alma desperta quando eu vou dormir*

*deixa o relógio descansar
 tenta não entrar na dança
 que faz o teu corpo esgotar
 brota na mente
 cobrança*

*tempo só o de criança
 move os rios e remansa
 todo o presente reinará
 nasce no horizonte
 aurora*

AURORA é o presente. Ela fala sobre a Kristal pós-depressão. Uma Kristal que sabe o que quer e onde quer chegar. Que consegue lidar com os sentimentos, identificá-los e cuidá-los quando necessário. Este ano, 2021, completam oito anos de terapia. São oito anos lutando pela vida. Oito anos agarrada à vontade de viver, mesmo com as pedras no caminho. AURORA é o fim de um ciclo. É o ponto final de uma história que eu me orgulho de poder contar, não pelos momentos tristes, mas porque eu sobrevivi. AURORA fala sobre todas as músicas que vieram antes, inclusive sobre algumas que não estão no EP. Fala sobre todas as versões que eu fui um dia e sobre quem sou hoje. Foi a música mais difícil de escrever por motivos como a pandemia e dificuldade de me conectar com o presente. Eu canso com muita facilidade da rotina e,

atualmente, é impossível fugir dela. Durmo e acordo todos os dias no mesmo lugar. Já decorei todos os cantos, riscos e as manchas no teto e no chão de casa. Hoje, eu luto contra a ansiedade e não existe algo mais ansiolítico, para mim, do que a rotina. Pelo menos uma vez por mês, eu mudo os móveis da minha casa de lugar, planejo obras, penso em mudar as cores, os objetos e até de cidade. De qualquer forma, me sinto muito mais madura e segura emocionalmente. Consigo lidar bem com essas angústias e ter calma.

Essa música é uma homenagem ao passado, ao presente e uma esperança para o futuro. É uma tentativa de frear a ansiedade, enquanto o futuro ainda é muito presente. De entender que o tempo do relógio não faz mais sentido. Cada coisa tem o seu tempo e é esse o tempo que eu quero viver, o que tiver de ser. Eu nunca estive tão perdida no tempo. Ainda bem. Essa música começou meio que na pressão de terminar o trabalho, foi muito difícil concretizar. Depois de passar 1 ano em isolamento, os sentimentos ficaram muito confusos, pelo menos os meus. Muitas vezes, me senti uma farsa, pensei que não soubesse fazer música e que eu não deveria estar me formando. Senti um medo muito grande de desaprender. Desaprender a escrever, desaprender a compor, a cantar. Em muitos momentos eu pensei “Mas será que eu sei fazer alguma dessas coisas que eu tenho medo de desaprender?”. Ansiedade. Tem aquela voz dizendo que eu vou conseguir, sim, pedindo para colocar um ponto final nessa história de não conseguir. Ainda mais perto do prazo final, vim para o terraço, que é onde eu estou agora, digitando esse texto com a voz, não com as mãos. Aqui é o lugar mais próximo à natureza que eu posso frequentar em tempos de pandemia, é o lugar com menos barreiras até o céu. Lugar onde eu posso fazer o que eu mais gosto: observar. A partir da observação, eu viajo entre os meus sentimentos, e, conseqüentemente, eu entro em contato com a música, com as melodias que nascem dentro de mim, ao mesmo tempo em que ouço do canto dos pássaros, o barulho das árvores. Foi meio assim que AURORA surgiu. Estava aqui, viajando, e uma melodia nasceu. Ela chegou com um pedaço da letra e eu gravei, então as coisas foram fluindo. Peguei o meu caderno, fui escrevendo, apagando, reescrevendo. Eu tinha ideia do que eu queria ouvir, da sensação que eu queria transmitir. AURORA é conexão.

As músicas estão todas interligadas, tanto musicalmente quanto em suas narrativas. Em suas letras e seus nomes. As coisas têm que fazer sentido, por isso muitas vezes eu travo. Se eu não consigo encontrá-lo, eu não tenho motivação para seguir em frente. Curiosamente, é assim que eu tenho chamado o futuro: motivação. Já que ele não existe, ele pode ser o que eu quiser. Ele pode ser bom ou ruim. Ansiedade é quando eu vislumbro um futuro repleto de falhas e fracassos.

A motivação e a esperança me oferecem um futuro melhor, não importa se estou falando de 4 dias ou 12 anos. A motivação é para frente, e ao mesmo tempo em que ela fala sobre o futuro ela age no presente. Esse é o sentimento que eu tento transmitir com o EP AURORA. VENTANIA representa o movimento. É o início do tumulto das marés. RESSACA é a consequência. É devastadora, mas não é o fim. AZUL é melancolia e remete à frieza, mas traz a cura e acalma. É a cor do mar antes do arrebol. AURORA é motivação. Ela nasce ao final do dia, finaliza um ciclo e inicia outro. É quando o Sol se despede e abre espaço para a Lua.

4. Epílogo

Está claro que uma das principais razões por que não sofremos uma revolução de valores é que a cultura de dominação necessariamente promove os vícios da mentira e da negação.

(bell hooks)

Escrever esse trabalho durou cerca de um ano. Um ano inteiro em confinamento, lidando com as minhas angústias e aflições diariamente, sem ter para onde fugir. Eu não tenho como chegar ao fim deste ciclo e dizer que ele foi bom. Em novembro de 2020, mencionei pela primeira vez, neste trabalho, a situação que estamos enfrentando por causa da pandemia. Na época, estávamos com pouco mais de 160 mil mortes. É extremamente doloroso chegar ao final desse processo e contar que chegamos em abril com 400 mil vidas perdidas. Mais de 240 mil mortes causadas pelo coronavírus em cinco meses. São 48 mil vidas perdidas por mês. Mais de mil e quinhentas pessoas que partem a cada dia. O Ministério da Saúde novamente passou por uma modificação. Marcelo Antônio Cartaxo Queiroga Lopes, médico cardiologista e presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia é o atual ministro da saúde, e tudo segue como estava, piorando. As coisas terem acontecido dessa forma me fazem enxergar que teria sido muito melhor em outra circunstância. Não foi bom. São meses de angústia, meses sem contato com outras pessoas, meses sem abraços, sem beijos. São meses sem poder abraçar minha mãe, mesmo que ela more a meia quadra de distância. São meses me preocupando com a minha avó, meu avô,

com a minha família e amigos. São meses que eu não vejo o meu pai, que eu não vejo meu irmão, minha cunhada e minha tia, que está internada no hospital, com câncer, desde o início da pandemia. São meses que eu não vejo o futuro. São meses que eu não respiro.

O quadro é esse: ansiedade. É contraditório e trágico o fato de eu estar ansiosa por não conseguir enxergar o futuro. Ainda há pouco, afirmei que a ansiedade era justamente a antecipação dele. Porém, naquele quadro, o futuro existia. Existia a possibilidade de um futuro bom ou ruim. No quadro que eu descrevo agora, o futuro não existe. Existe um vácuo na linha do tempo, que não nos permite enxergar um ano daqui para a frente. Viver no Brasil, governado por uma política genocida, por pessoas que exaltam a ditadura e literalmente não se importam com a vida, é o pior cenário que eu já vivenciei. Está sendo horrível. Está tudo uma merda. Eu não tenho o direito de apagar essa ameaça de colapso social que estamos vivendo. Então, gostaria de ressaltar que está tudo uma bosta. É preciso ser responsável pelas escolhas que fazemos e pelo que falamos. Eleger um presidente genocida não é uma questão de opinião política, é uma questão de valores, é uma questão de caráter. A pandemia só trouxe desgraça e mortes. É absurdo ter a necessidade de afirmar isso, mas eu vejo muitas pessoas relacionando aprendizados positivos à pandemia, dando créditos a ela. Durante o processo de execução deste trabalho, eu aprendi, sim. Aprendi que devo respeitar e monitorar minhas ventanias. Aprendi que, por maior que seja o estrago, a ressaca não é necessariamente o fim. Aprendi que o azul do mar é diferente do azul do céu. Aprendi que, ao final do dia, a aurora pode nos presentear com uma nova chance, abrindo espaço para um novo ciclo, uma nova história. Tudo isso, aprendi graças a mim e à minha rede de apoio. Zero relações com a pandemia. Se tem algo que eu aprendi com a pandemia, é que as pessoas são muito mais egoístas do que eu imaginava.

Este epílogo é um apelo para que tenhamos mais responsabilidade. Vivemos em uma sociedade que está mais acostumada a transferir responsabilidades do que assumi-las. Concluir um curso de nível superior, em uma instituição federal, no Brasil, pode significar tudo ou nada. Depende do que pretendemos fazer com esse privilégio. As palavras que eu guardei falam tanto sobre mim quanto as que eu escolhi compartilhar. Portanto, Marielle Franco³⁰, Anderson Pedro

³⁰ **Marielle Franco** é mulher, negra, mãe, filha, irmã, esposa e cria da favela da Maré. Socióloga com mestrado em Administração Pública. Foi eleita Vereadora da Câmara do Rio de Janeiro, com 46.502 votos. Foi também Presidente da Comissão da Mulher da Câmara. No dia 14/03/2018 foi assassinada em um atentado ao carro onde estava. 13 Tiros atingiram o veículo, matando também o motorista Anderson Pedro Gomes.

Gomes³¹, João Alberto Freitas³², Miguel Otávio Santana da Silva³³, Keron Ravach³⁴, Ana Beatriz³⁵, Cleonice Gonçalves³⁶, João Pedro Mattos Pinto³⁷, Ágatha Vitória Sales Félix³⁸, Kauê Ribeiro dos

³¹ **Anderson Pedro Gomes**, de 39 anos, que trabalhava para a vereadora Marielle Franco (PSOL), foi assassinado na noite de 14 de março no Rio. O motorista foi atingido por pelo menos três tiros na lateral das costas, enquanto Marielle foi assassinada com cinco tiros na cabeça. Nenhum pertence foi levado. A principal linha de investigação é de execução. Ele deixa um filho e uma esposa.

³² **João Alberto Freitas**, popularmente conhecido como João Beto, um homem negro de 40 anos de idade, que trabalhava como prestador de serviços, foi espancado e assassinado por asfixia, na noite de 19 de novembro de 2020, por seguranças de uma loja da rede Carrefour. A loja fica localizada no bairro Passo d'Areia, zona norte da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Beto tinha quatro filhos, com idades entre nove e vinte e dois anos, e uma enteada.

³³ **Miguel Otávio Santana da Silva**, de 5 anos, morreu após cair do 9º andar de um prédio de luxo, no Centro do Recife, no dia 2 de junho de 2020. No momento do acidente, ele tinha sido deixado pela mãe — que é doméstica e estava na parte de baixo do prédio passeando com o cachorro dos patrões — aos cuidados da patroa dela, a primeira-dama de Tamandaré, Sari Corte Real. A patroa foi presa em flagrante por homicídio culposo, quando não há intenção de matar, e solta após pagar fiança de R\$ 20 mil.

³⁴ **Keron Ravach**, adolescente trans de 13 anos, foi espancada até a morte, atingida com pauladas, socos, chutes, facadas e pedradas, no dia 4 de janeiro de 2020, em Camocim, Região Norte do Ceará. A vítima foi encontrada morta em um terreno baldio no Bairro Apossados. Keron completaria 14 anos no dia 28 de janeiro de 2020 e estava no processo de transição de gênero. Ela estudava na Escola de Ensino Fundamental Francisco Ottoni Coelho, no município em que foi vítima.

³⁵ **Ana Beatriz** tinha apenas 5 anos quando foi estuprada e morta por asfixia por um grupo de homens em Barreirinha, no estado do Amazonas. Indígena do povo Sateré-Mawé, a criança foi raptada enquanto dormia em sua casa, no dia 23 de novembro de 2020.

³⁶ **Cleonice Gonçalves**, 63 anos, trabalhadora doméstica desde os 13 anos, foi a primeira pessoa a morrer por causa do Covid-19 no estado do Rio de Janeiro, no dia 17 de março de 2020. A trabalhadora não foi dispensada pela empregadora, que estava com a doença confirmada. Mesmo após o caso, outros “patrões” cujos testes para coronavírus deram positivo não liberaram as trabalhadoras domésticas, situação que escancara o quanto a classe está vulnerável à pandemia e precisa de políticas públicas de proteção. Cleonice Gonçalves ingressou na profissão que mais emprega mulheres no Brasil, porque precisava complementar a renda da família. A trabalhadora foi internada no dia 16 de março, em um hospital público do município de Miguel Pereira, onde morava com o filho, a duas horas da capital. Além de Cleonice, a não possibilidade de escolha de proteção ou trabalho é a realidade que mais de 6 milhões de diaristas e empregadas domésticas enfrentam no Brasil.

³⁷ **João Pedro Mattos Pinto**, estudante de 14 anos, foi morto, no dia 18 de maio de 2020, durante uma operação conjunta das polícias Federal e Civil do RJ no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, Região Metropolitana do RJ. A família e testemunhas afirmam que policiais chegaram atirando à casa onde João e amigos estavam, na Praia da Luz, em Itaoca. O rapaz foi atingido na barriga e levado para um helicóptero. Parentes passaram a noite procurando o adolescente em hospitais e só acharam o corpo 17 horas depois, no Instituto Médico-Legal do Tribobó.

³⁸ **Ágatha Vitória Sales Félix**, de 8 anos, foi morta quando voltava para casa com a mãe, na noite do dia 20 de setembro de 2019, no Complexo do Alemão, na Zona Norte do Rio. A criança estava dentro de uma Kombi, por volta das 21h30, quando foi baleada nas costas na comunidade da Fazendinha. De acordo com um tio de Ágatha, a Kombi em que a menina estava parou na rua para desembarcar passageiros com sacolas de compra na comunidade. A criança estava sentada dentro do veículo quando foi atingida. PMs atiraram contra uma moto que passava pelo local, e o tiro atingiu a criança.

Santos³⁹, Kauã Rozário⁴⁰ e Jenifer Cilene Gomes⁴¹ são alguns nomes que carregaram consigo o peso de viver como minoria neste país, e que eu não poderia deixar de citar. Fernando Henrique Soares, Lucas Matheus da Silva e Alexandre da Silva⁴² são alguns dos nomes que estão desaparecidos. Infelizmente existem muitos outros. Existem muitas histórias que não foram compartilhadas, muitas chances que não foram dadas, muitas vidas interrompidas. Existem muitas palavras que não saem pela boca, mas ferem pelo olhar. Existe o mérito que encobre o privilégio. O acúmulo de riquezas agindo diretamente sobre o acúmulo de corpos. As notícias falsas e a política do pão e circo, que desviam a atenção da realidade. Existe a história que se repete. Seguimos acostumados a reviver os ciclos. Falar e escrever sobre eles é uma tentativa de rompê-los, de seguir em frente e enxergar novas possibilidades entre o Sol e a Lua. Não falar é um ato. Aurora é uma história que chega ao fim quando a voz transgride o silêncio.

³⁹ **Kauê Ribeiro dos Santos**, 12 anos, foi morto no dia 8 de setembro de 2019, com um tiro na cabeça, na comunidade da Chica, no Complexo do Chapadão, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Moradores da região contaram que o jovem, que trabalhava vendendo balas, voltava para casa com um amigo quando foi atingido por um tiro na cabeça. Segundo os relatos, os meninos subiam a rua de casa quando encontraram com policiais militares que desciam a comunidade atirando. O maior sonho do jovem era conhecer o jogador Neymar.

⁴⁰ **Kauã Rozário**, 11 anos, foi atingido, no dia 10 de maio de 2019, por um tiro em Bangu, na Zona Oeste do Rio. O menino teve morte cerebral confirmada após uma semana de sua internação no Hospital Albert Schweitzer, em Realengo. Segundo testemunhas, policiais estavam perseguindo dois homens em uma moto quando as três pessoas foram baleadas. A família de Kauã afirma que não havia operação no momento dos disparos.

⁴¹ **Jenifer Cilene Gomes**, de 11 anos, foi baleada no peito com um tiro de fuzil, no dia 14 de fevereiro de 2019, no Rio de Janeiro. A menina estava na porta do bar da mãe quando foi atingida pelo disparo. Jenifer chegou a ser socorrida para o Hospital Municipal Salgado Filho, no Méier, também na Zona Norte, mas, segundo a Secretaria Municipal de Saúde, já estava morta quando deu entrada na unidade hospitalar. Moradores da região acusaram policiais militares de serem os autores dos disparos.

⁴² **Lucas Matheus da Silva**, de 8 anos, **Alexandre da Silva**, de 10 anos, e **Fernando Henrique Soares**, de 11 anos, desapareceram enquanto brincavam, no dia 27 de dezembro de 2020. A única coisa que se sabe é que, pouco antes de desaparecer, se encontravam em um campo de futebol perto do condomínio onde moram, no bairro Castelar, em Belford Roxo, município de meio milhão de habitantes da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. Desde então, seus familiares não têm notícias — verdadeiras — sobre o paradeiro deles. Um inquérito foi aberto, mas a investigação policial está parada e não sai do lugar. Atualmente, abril de 2021, são mais de 100 dias sem resposta sobre os meninos, que seguem desaparecidos.

5. Referências

- ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as escritoras do terceiro mundo. Santa Catarina: Revista Estudos Feministas Edição v. 8 n. 1, 2000.
- BEAUVOIR, Simone. O Segundo Sexo II - A experiência vivida; tradução de Sérgio Milliet. - São Paulo: Editora Difusão Européia do Livro, 1967.
- DÖRING, Katharina. A Música Começa na Pessoa - memória e identidade musical subjetiva. PSICOLOGIA DA MÚSICA E EDUCAÇÃO MUSICAL: INTERFACES, PERSPECTIVAS E AÇÕES PEDAGÓGICAS. Feira de Santana, 9 a 11 de março de 2016.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- HOOKS, bell. Ensinando a Transgredir: A educação como prática da liberdade / bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- NOGUEIRA, Isabel Porto. Lugar de fala, lugar de escuta: criação sonora e performance em diálogo com a pesquisa artística e com as epistemologias feministas. Revista Vórtex, Curitiba, v.5, n.2, 2017, p.1-20.
- RAGO, Margareth. Escritas de Si, Parrésia e Feminismos. VEIGA-NETO, A.; CASTELO BRANCO, G. (orgs.) - Foucault, Filosofia e Política. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 251-267.
- RAGO, Margareth. Epistemologia Feminista, Gênero e História. PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (orgs.) - MASCULINO, FEMININO, PLURAL. Florianópolis: Ed.Mulheres, 1998.